

ANNO III

VOLUME

DE

N. 2

O ENSINO

REVISTA DE EDUCAÇÃO PARA O BRASIL



O Ensino

Summulo

	Pag.
<i>A Festa da Primavera</i>	C. M. 98
<i>Um documento de valor</i>	Carlos de Campos 98
<i>Um administrador exemplar</i>	(Do livro <i>Vida Escolar</i> — no prelo) 106
<i>A Festa da Linguagem</i>	Cesar Martinez 111
<i>Anchieta</i>	Olavo Bilac 115
<i>Respostas a tudo</i>	Dr. Mario Gomes 116
<i>O Bando de Maculinas</i>	120
<i>Estórias</i>	Sabino Romariz 123
<i>A Primavera</i>	José Busnardo 124
<i>À Primavera</i>	126
<i>O rio S. Francisco e Paulo Affonso</i>	Amadeu Colombo 128
<i>Clareza</i>	Bernardino da Costa Lopes 130
<i>Os Ichthyophages dos Santosago</i>	Romario Martins 131
<i>Grandes cultos da nova historia</i>	S. B. Junior 137
<i>Organização Sanitaria Escolar</i>	Dr. J. P. Fontenelle 141
<i>Visão do Passado</i>	Iracema E. Santo 147
<i>Methodologia da Mathematica</i>	Aydée Niclèves 152
<i>Como se deve ensinar a multiplica- ção</i>	Aracy Abreu 150
<i>Psicologia</i>	Iracema E. Santo 162
<i>Methodologia da historia</i>	Victoria Del Gaudio Orassi 168
<i>Soneto</i>	Bernardo Guimarães 174
<i>Independencia do Brasil</i>	Adelaide Mattana Villa 175
<i>A Superacção do Cabalo</i>	L. S. 183
<i>Fábula de La Fontaine</i>	192
<i>Como se deve ensinar</i>	197



ANNO III

O ENSINO

NUM. 2

Publicação da Inspectoria Geral do Ensino do Paraná

Curitiba, Setembro de 1924

A FESTA DA PRIMAVERA

Lição para crianças

—Ves, filho, aquella arvore frondosa, meio inclinada ao peso da sua enorme ramada, em pleno largo, fazendo sombra aos animaes das carroças que vão beber agua no bebedouro publico?

Apezar do inverno que semeou geadas, ainda conserva, compactas, as suas folhas, estendidas em grandes leques. O seu tronco é rugoso, cheio de cicatrizes que o tempo vai deixando. As raizes maiores estão á vista, emergindo do solo que as enxurradas varreram.

É uma arvore velha, que eu conheci outr'ora, quando tu nem existias, menos frondosa, erguida no meio da praça, correndo risco de ser despedaçada pelos vehiculos que bem junto passavam.

Muitas vezes, meninos inconscientes se dependuravam em seus galhos, sacudindo-a brutalmente, inclinando-a de um lado para outro, na iminencia de partir-se.

Apezar de tudo isso, foi crescendo, engrossando o seu caule e estendendo a sua ramada.

No meio da praça deserta era um enfeite. À noite, no silêncio, parecia dormir, iluminada pelas lampadas. Quando fazia luz, projectava a sua pequena sombra sobre a brancura dos paralelepípedos.

Passaram-se os annos e ella foi crescendo, crescendo até tomar vulto e tornar-se uma bella arvore de porte airoso. O tronco inclinou-se porque os puxões que recebeu torceram-lhe o lenho ainda novo e fragil.

Os poucos passaros das nossas ruas, que ainda resistem à fúria das pedradas, ahí se escondem das perseguições continuas, ou para gozar da delicia de sua sombra.

Plantada a pequena distancia do bebedouro para animaes, o seu desejo consistia em estender a sua fronde até ahí, para um dia poder conservar fresco o logar, e fresca a agua que os pobres animaes bebem em sua passagem, sob o peso das grandes cargas que elles puxam com tanta docilidade.

Depois de muito tempo alcançou o seu desejo.

Em cada anno e em cada primavera, novos brotos foram augmentando os galhos e enchendo os de folhas, ao mesmo tempo que o lenho engrossava, envolto por uma nova casca.

A agua do bebedouro, por esse motivo, tornou-se tão fresca como a da serra e os carroceiros preferiram-na para os seus animaes.

Dahi por diante, nas horas de maior calor, as carroças para ahí se dirigiam e se collocavam ao redor da arvore. Os animaes, alongando o pescoço, sorriam com prazer a agua fria, sob uma sombra doce; e quando o carroceiro, meio apressado, gritava ou puchava a redea, para que sahisses, notava-se a sua indecisão, mergulhando de novo o focinho no liquido refrigerante.

Tambem os trabalhadores das ruas a procuram na hora do almoço. Sentam-se ahí, junto á mulher ou á filha que lhe traz de casa o almoço em uma cesta coberta por uma toalha. E protegidos do sol, enxugando o suor do tra-

balho, descansam e comem o seu prato de comida, simples mas saboroso, e descansam um pouco da labuta, e bendizem a sombra da arvore que os abriga. Olha para a sua grande copa. Vê como já começam a apparecer os novos brotos que as primeiras chuvas da primavera faz entresbrir, de um verde alegre, tão pequeninos a principio, mas logo reunidos em galhos. em folhas e em flores, galhos, folhas e flores que alegam o espaço e enchem os corações de esperanza, pois que onde ha galhos, lófolhas e flores, ha vida para nós.

Dentro em pouco toda essa fronde será nova; e mais bonita, e mais viçosa, sortirá de alegria em pleno sol, sorvendo a luz de que tanto carece e dando sombra aos pobres animaes que a procuram para beber a agua do seu bebedouro.

Um dia, como tudo neste mundo, a arvore terá o seu fim. Não podendo mais resistir ao rigor dos invernos, ás secas, aos vendavaes, ou ao machado destruidor, perderá a vida. E então não mais brotarão os galhos, nem novas folhas virão substituir as mortas, nem flores desabrocharão para festejar a Primavera. Morta — ainda será um mundo de beneficios porque, ou se consumirá no fogo, aquecendo os lares, ou se desdobrará em taboas, em pranchas, em portas, em janellas, ou talvez em berços, ou talvez ainda em tumbas...

Contempla, meu filho, aquella arvore e diz-me se não é bóa. Como esta, assim são todas as outras arvores, nossas protectoras, nossos amigas.

E agora que ides festejar nas escolas a Festa da Primavera, que é a Festa da Arvore, comprehende, meu filho, a significação dessa festa e promette a ti mesmo respeitar as arvores das praças e das ruas, e todas as plantas do jardim ou mesmo das mattas.

UM DOCUMENTO DE VALOR

O "Ensino" cumpre o seu dever, publicando a Mensagem que o Excmo. Sr. Dr. Carlos de Campos, heróico Presidente de S. Paulo, dirigiu ao Congresso, após a retirada das forças revolucionárias que tanto mal fizeram à bella capital paulista, a todo o Estado e à Nação. É um documento de alto valor e significação, que deve ser conhecido por todo o brasileiro que se interessa pela sorte de sua patria.

Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo, em 12 de Agosto de 1924, pelo Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado de S. Paulo.

Senhores Membros do Congresso Legislativo de S. Paulo :

"O excepcional momento em que nos encontramos aconselha e comporta, sem duvida alguma, a exposição clara e franca que me cumpre dirigir-vos, pessoalmente.

Outra seria ella, congratulando-me com o Estado e com vósco, em expansões de satisfação e confiança, pela ultima e auspiciosa secção da vossa actual legislatura; reconhecendo que — pelas acertadas iniciativas, pelos sabios provimentos de que tendes dado exuberantes provas — sobre vós repousa tradicionalmente a esperativa progressista de São Paulo; offerecendo-vos a leal e irrestricta cooperação do Governo que, para o quadriennio vigente, acabava de empossarse; e dizendo-vos, finalmente, o que de essencial e imprescindivel se fazia myster, em tão curto prazo administrativo, como apreciavel aceno ou suggestão a problemas do scenario governamental do Estado. Nem mais seria necessario, uma vez que — em brilhante e substanciosa mensagem, publicada e distribuida, com seus relatorios complementares — o meu eminente antecessor havia deixado detalhados informes e uteis conselhos sobre toda a passada administração e seus principaes corollarios.

Não quizeram, porém, os ultimos e barbaros factos occorridos nesta Capital e em parte do interior do Estado que normal e sereno fosse o meu primeiro comparecimento a este augusto templo legislativo.

Es por que de animo sombrio e coração enlutado, mas em tempera firme, preciso impiedosamente fallar-vos de traição, crime, desgraça e castigo.

Por demais notoria é a ignominiosa aventura armada, que o contubernio de inqualificaveis ambições e cobicias traçoiramente lançou sobre São Paulo, adrede escolhido para theatro de lugubres facanhas, visto ser, ao mesmo tempo, grande centro de força social e politica e metropole de vultuosas riquezas — abrigo e escala, portanto, para o duplo objectivo dos assaltantes. . .

E a traição, para que nada lhe faltasse, nos satânicos designios, foi longa e premeditadamente concertada; fria e cruelmente executada, por falsos brasileiros e por falsos paulistas — civis sem pundonor civico, militares sem fé patriótica e policiaes relapeos aos deveres que juraram guardar.

E o crime se perpetrou, pelo canhão e pela metralha, contra cidades pacificas, laboriosas, cultas e inermes, ceifando vidas, destruindo propriedades, desorganizando o trabalho, espalhando o terror e a anarchia, visando derribor instituições fundamentaes em vigor, a lei, o direito, a justiça, a ordem, o principio da autoridade, a honra e o credito do Estado e da Nação.

E a desgraça consequente desabou sobre esta terra, com o contrastador cortejo da morte, do luto, da orphanidade, da fome, da loucura, da invalidez, da paralyzação das actividades, dos abalos economicos e financeiros, da insidia, da intriga, da mentira, da calumnia, da discordia, dos vexames e da vergonha que enlanceou a historia paulista.

E d'ahi o castigo que esse dantesco quadro de amarguras, desespero e desolação, severamente impõe aos imperdoaveis culpados.

Iniciou-se a triste aventura de corrupção, violencias, lagrimas e vilipendio com a tomada do Quartel da Luz, em

alta hora da noite, por força militar vinda do quartel de Sant'Anna, em connivência com a cavallaria de Policia, previamente revoltada por alguns de seus officiaes e insubmissos rebeldes do Exército. Acto continuo—roubadas armas e munições—por constrangimento, embustes ou promessas, foram muitos dos infantas da Força Publica aggregados aos insurrectos e remetidos para o ataque aos Campos Elyseos (habitado pelo Presidente do Estado e sua familia), da Secretaria da Justiça e Policia Central e da residencia do commandante das forças estaduais, então surpreendido e aprisionado.

Dada a immediata e cada vez mais forte defeza do palacio presidencial, pela sua guarda costumeira, logo augmentada e melhor preparada pelo bravo major ajudante de ordens do presidente, depois secundado por outros valentes officiaes e praças que puderam acudir ao primeiro chamado, recorreram os revoltosos ao bombardeio do edificio pelos canhões trazidos de Quitauana, sem attingir, todavia, o objectivo, mas, demnificando o Collegio do Sagrado Coração de Jesus e casas particulares visinhas, onde assassinarão mulheres e creanças.

Seguiu-se o assalto á Secretaria de Justiça e á Policia Central, já então transformadas em centros agremiados de forças do Governo, sob a corajosa e inquebrantavel orientação do Sr. Secretario da Justiça, que nunca mais deixou o seu posto, nem interrompeu suas energicas e decisivas providencias, do primeiro ao ultimo dia dos combates e sob o commando do Coronel Pedro Dias de Campos que, de prompto, se revelou o official brioso, competente e de rara eficiencia, depois proclamada pelo commando das forças legalistas.

Durante quatro dias e quatro noites, successivamente, se manteve, nos dois referidos pontos alvejados pelos revoltosos, essa resistencia patriótica e prolificamente auxiliada por grande numero de amigos do presidente e do Secretario da Justiça, politicos paulistas, representantes de varias classes sociais, pessoal dos gabinetes das duas autoridades e outros funcionarios publicos.

Quando, porém, foram interceptadas e viciadas por espíes as communicações dos Campos Elyseos e bombardeada a Secretaria da Justiça, que tambem ficou sem meios de ligação com os postos de defeza, resolveu o Governo—de accordo com os distintos Generaes Estanislão Pamplona e Carlos Arlindo e Estado Maior, constituido para essas operações provisórias—transportar-se ao arrabalde de Guaçuana, afim de juntar-se aos contingentes do Rio e ao seu commando superior, em boa hora entregue ao illustre General de divisão Eduardo Socrates.

Com effeito, o presidente e o Secretario da Justiça alli permaneceram, fazendo distribuir manifestos e boletins, dando as possiveis providencias que lhes competiam e em constante communicação com o Sr. Presidente da Republica, com os Srs. Ministros da Guerra e da Justiça, com Santos, posteriormente com o interior, pelo telegrapho mineiro, e com demais secretarios de Estado, que em absoluta calma e firmeza sempre se mantiveram ao lado e ao serviço da legalidade, agindo em tudo e por tudo que lhes foi solicitado.

Após essa resistencia e para o mesmo fim de se unirem aquellas forças legais, os elementos policiaes que a haviam sustentado, marcharam em perfeita ordem para sitios estrategicos que o inimigo nunca pôde tomar, sempre dentro da Capital.

E' justo recordar tambem o eficaz auxilio que, já nesses dias, vinham prestando as forças fieis ao Governo da União e primeiras que para isso chegaram á cidade, a saber: a guarnição do forte de Itaipús e a do • Minas Geraes • enviadas pelo abalizado Almirante Penido, que commandou a esquadra estacionaria em Santos, um contingente do 4º B. C., de Sant'Anna e quasi toda a cavallaria de Pirassungua.

Dahi por diante—num louvabilissimo esforço da Central do Brasil—com segurança e exito crescentes, foram sendo mobilizadas e postas em contacto com o inimigo, propositalmente emboscado em egrejas, usinas, escolas e casas de familias, as tropas da legalidade, accrescidas de nume-

rosos e aptos corpos policiaes do Rio de Janeiro, de Minas, do Espirito Santo, do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul e de garbosos batalhões patrióticos, formados na Capital Federal, até que metido num círculo de ferro e fogo e a «priori» vencida, já já escasso, exausta e desanimada turba-multa dos rebeldes, furtivamente—como entrara—abandonou esta Capital, em fuga para o interior do Estado.

Perseguida, como está sendo, por parte da tropa legalista, dia a dia, mais se desbarata e se deixa capturar nos seus officiaes, praças e munições de bocca e de guerra. Para isso têm concorrido, em magno quinhão, os contingentes do General Azevedo Costa, organizados para acção conjunta com os elementos civis reunidos pelo Vice-Presidente, Sr. Coronel Fernando Prestes, pelo ex-Presidente, Sr. Washington Luis, pelo Senador Ataliba Leonel e pelos Deputados Julio Prestes, Fernando Costa, Hilario Freire, Eduardo Lorena, Deodato Wertheimer e Coronel J. Diniz Junqueira, empenhados na mesma acendrada defesa da nossa terra e das instituições republicanas.

Antes dessa fuga, aliás prevista e diariamente esperada por todos quantos comprehendem a ausencia de qualquer razão justificativa, sequer apparente, na negrecda revolta e a fraqueza dos seus ephemeros e reprovaveis recursos, os rebellados tiraram de vez as mascaras de pseudos regeneradores de costumes politicos do paiz e deslocadamente se atiraram aos valores de toda a especie, sobretudo dinheiros publicos e particulares, que puderam descobrir e apprehender, gravando, por tal forma, na sua inexpressiva bandeira branca, o verdadeiro symbolo de tal incursão armada em terras paulistas. . .

Em meio a tanto horror e tanta vileza, felizmente houve—para que não succumbisse a cavalheiresca alma paulista, hoje a tudo isso reconhecida e que menos lamenta as perdas materiaes soffridas do que o opprobrio a ella infligido—em primeiro logar a solidariedade unanime do Brasil em torno do Sr. Presidente da Republica, como natural expontente dessa grandiosa hora; solidariedade manifestada que

pelo significativo apoio moral de todas as unidades federaes, quer pela polerosa e vencedora contribuição de forças militares, policiaes e patrioticas da União e dos Estados proximos já referidos, cuja bravura, dedicação e eficiencia só podem ser equiparadas ao alto senso de cohesão nacional e devotamento a Republica, jamais tão positivamente revelados.

A seguir, não devem ser esquecidas as demonstrações de piedade e philantropia, que tanto ennobreceram os que—ministros do Altissimo, nas suas reconfortantes orações e feis que os acompanhavam, tantas bênçãos conseguiram para S. Paulo; os que—ricos ou pobres, nunca negaram aos necessitados o concurso dos seus meios; os que—profissionais ou espontaneos, contribuíram com sua sciencia e seus cuidados em bem de doentes e feridos—todos verdadeiros sacerdotes da religião, da caridade, da medicina e dos hospitaes, num portado e desprendido allivio dos soffrimentos do espirito, da penuria e da dor das victimas da horrivel catastrophe.

Como era natural, entre as medidas de excepção, mais rigorosamente indispensaveis para o immediato restabelecimento da ordem geral, tão profundamente perturbada, o Congresso Legislativo da Republica votou, em minutos e em significativa unanimidade, o estado de sitio, para S. Paulo tambem, sendo que, nesta Capital e no interior, os effeitos da extraordinaria providencia só têm recachido sobre casos estritamente suspectos.

E' de registrar ainda que os Governos Federal e do Estado, segundo sua respectiva competencia, estão procedendo á apuração rigorosa dos criminosos successos; e, emquanto a justiça se prepara para o julgamento e punição dos responsaveis, já tenho expedido indispensaveis decretos de demissão, a bem do publico serviço, dos funcionarios civis e de expulsão dos policiaes implicados na mashorca como indignos de pertencerem ao quadro honesto dos leaes servidores de S. Paulo.

Não fosse o dever supremo dos poderes constituidos, das classes organizadas no regimen do labor e da probi-

dade, de todos os cidadãos conscientes da sua cidadania brasileira e paulista—quanto ao inadivél castigo dos delinquentes—e melhor seria apagar da nossa memoria esse negro e hediondo aviltamento de consciencias ora mortas para a dignidade humana.

Tudo se maculou no seu contacto: o intangível espirito de disciplina geral que assegura e movimentava os organismos imprescindíveis á existencia commun dos homens; a tranquillidade productiva e feliz de um povo intelligente e conscio das suas franquias de paz e progresso; o prestigio interno e externo do Estado e do paiz, na sua interdependencia federativa e internacional; a fraternidade pátria que é o mais forte alicerce da unidade brasileira; tantos e tantos desses mil imponderáveis de nobilíssimo culto na Família, no Municipio, no Estado e na União e em que se emoldura o amor da Patria.

Urge, por honra da nacionalidade, que o maleficio germen de tão nociva iniltração, cujos reiterados surtos ameaçam avassallar a communhão dos brasileiros, seja para sempre extirminado. E o será—pelo que conclamam os grandes moveis e interesses da collectividade; pelo que brada a solidaria, indignada e justiceira repulsa do Brasil; pelo sangue innocente das victimas; pelas leis humanas de punição dos crimes; e até pelas leis divinas de aniquillamento dos reprobos.

Só assim, serenadas as nossas almas ainda confrangidas da immensa tortura—rendendo sempre reverente culto de saudades aos que baquesaram no ardor das pugnas e suas inevitáveis consequencias—poderemos retomar o caminho da reconstrução, expurgado dos elementos dissolventes e anarchisadores, que tão danosa e condemnavelmente conturbaram a vida do paiz.

Ainda bem que o mal não é irreparavel, dentro das nossas decididas energias e incalculáveis possibilidades.

Que a justiça inexoravel pronuncie o seu veredicto de expurgo social e politico; e os paulistas saberão reintegrar-se no concurso normal da sua operosidade e da sua grandeza.

O Governo tem absoluta segurança de haver cumprido o seu dever de resistencia ao traicoeiro attentado até sua julgação; bem como de o poder cumprir em todos os reclamos e injunções da legalidade restabelecida.

Essa será sua maxima preocupação, provando de prompto—como já o faz—nas necessidades urgentes de ordem e calma da população, do seu abastecimento vital e das garantias para o completo exercicio das suas actividades.

Tambem vos posso prometter que a todos os ramos da administração o Governo dedicará os seus esforços em prol do impulsionamento que os recursos do Estado permitirém, como verificareis em breve, nas mensagens especiaes que sobre cada um delles vos enviarei.

Ha pouco tempo, dirigindo-me aos paulistas, na plataforma politica de minha candidatura á elevada investidura em que hoje me encontro, sinceramente asseverei que, de preferencia, nortearia minha actuação pelos ditames de tolerancia.

Nao me arrependo e nem mudarei de rumo.

Mas tolerancia não quer dizer fraqueza, pussillanimidade ou accomodaticias condescendencias.

Ha tolerancias que valem culplicidades, qual nessa mesma revolta se descobre. Pela minha parte não renuncio á opinio e ao dever de as verberar como merecem.

O exercavel movimento veio pôr á prova essa feição do meu programma. Seja. Sangrenta foi a luta; gravissimas são as consequencias; severissima deve ser a repressão.

O que posso e devo afirmar, portanto, é que, incondicionalmente empenho minha intelligencia, meu braço e minha vida no integro e fiel cumprimento da missão governativa que me foi confiada, quesequer que sejam suas contingencias.

Permitti, senhores congressistas, que, solemnemente, reitere, perante vós, o compromisso de bem servir os magnos destinos de S. Paulo e da Republica.

S. Paulo, 12 de Agosto de 1924.

Carlos de Campos, Presidente do Estado.

Um Administrador Exemplar

O nosso professor, falando-nos o outro dia a propósito de homens que se tornam notáveis pelo seu valor e pelos dotes de coração, contou-nos um facto narrado por Victor Hugo, grande litterato francez, em um dos seus bellos romances intitulado «Os Miseraveis.»

Numa humilde parochia da França morava um vigario de apparencia modesta, simples no viver e no trajar. Repartia com os seus parochianos o pouco que lhe restava das esmolas que recebia, interessava-se pelos negocios alheios, dava conselhos aos que o procuravam, visitava os enfermos e onde quer que houvesse algum descontentamento lá estava elle a prodigalisar mil cuidados, harmonisando brigas, reatando laços de amizade, consolando os afflictos, encaminhando todos pelo trilho do bem.

O bom vigario foi á cidade, um dia, á casa de seu tio que era Cardeal, fazer-lhe uma visita e como soubesse que no momento conversava com elle pessoa extranha e de grande importancia, esperou que chegasse a hora propria, num pateo do edificio, á entrada.

A pessoa extranha era Napoleão, rei da França, o qual, ao sair, vendo o padre, perguntou ao Cardeal em voz baixa:

— Quem é este senhor, que me encara com um olhar tão expressivo?

— Um meu sobrinho, magestade.

Napoleão retirou-se e dahi a dois mezes recebia o vigario, em sua modesta residencia parochial, a noticia de que lóra elevado á dignidade de Bispo.

Tal noticia, si bem que inesperada, não o abalou, nem modificou a sua calma habitual. Pensou um pouco sobre o caso e resolveu aceitar o novo posto. Furtou-se ás manifestações de seus parochianos, de quem se despediu, um dia, á hora da missa, e tratou de tomar posse de seu Bispoado, com o firme propósito de proseguir na sua vida de virtudes, pertencendo mais aos outros do que a si proprio.

O acto da posse revestiu-se da maior simplicidade, pois não annunciando a sua chegada, ignorou o povo o dia designado para tal fim.

Acompanhado de uma sua irmã e de uma senhora, ambas edosa, em quem confiava a administração de sua casa, penetrou no bello palacio pertencente á diocese e destinado a residencia do Bispo.

Ficou admirado da grandeza do edificio, dos seus vastos salões para recepção, do mobiliario luxuoso, das escadarias de marmore, das estatuetas de bronze e intimamente julgou que aquelle palacio tão grande era demasiado para a sua pessoa tão humilde.

Em seguida, quiz visitar o hospital do lugar destinado a receber os enfermos pobres. Funcionava em edificio acanhado, modestamente construido. Per falta de logar, os leitos ficavam quasi juntos e muitos doentes jaziam estendidos no chão.

Inquirindo o director do hospital, este queixou-se da insufficiencia do predio e da necessidade que havia de serem augmentadas as enfermarias, pois muitos doentes não podiam ser recebidos por falta de logar.

— Acho, porem difficil, concluiu o director do hospital, que se consiga uma melhora, pois a diocese é pobre e o povo queixa-se dos pesados impostos que paga.

— Pois eu acho facil remediar-se o mal, disse o Sr. Bispo. Amanhan ordenarei a mudança dos doentes para o meu palacio que é grande e transferirei a minha residencia para aqui.

Esta casa é mais que sufficiente para a minha morada. Em casa somos apenas tres: eu, minha irman, e a governante da casa. E depois todos gozamos boa saude, graças a Deus.

Dessa fórma os seus doentes, Sr. Director, terão mais commodidade e passarão uma vida mais resignada naquelles salões esplendidos onde reina a alegria das suas pinturas e das suas estatuas.

No dia seguinte as suas ordens foram cumpridas e o Sr. Bispo considerou-se feliz, trocando o seu bello palacio pelo simples edificio destinado aos enfermos.

Napoléão tinha motivos quando indagou da pessoa do humilde vigario, cujo olhar lhe parecerá tão expressivo.

Aquelle olhar reflectia a expressão da bondade.

PARA OS BONS, ATÉ OS MÁUS SÃO BONS

Como tivessemos apreciado muito a historia daquelle vigario humilde, eleito Bispo e que trocou o seu palacio por um hospital, para dar melhor agasalho aos enfermos, contou-nos o nosso professor outro episodio não menos interessante.

O Sr. Bispo, desejo de conhecer a sua diocese, dispoz-se a isto:

Não havendo em todo o territorio uma unica estrada de ferro, fez as viagens a cavallo, montando um burrinho manso e apeando-se nas ladeiras para não estropear o pobre animal.

Uma unica pessoa o acompanhava nessas viagens longas: um creado já edoso, em quem depositava toda confiança.

Na estrada, pousava em qualquer casa e comia do que lhe davam, dando-se por satisfeito por encontrar hospitalidade dos pobres do logar.

Numa occasião, manifestando intenção de ir até uma parochia distante, muito alastada dos povoados, procurou-o a auctoridade do logar para lhe communicar que se achavam á sua disposição 25 soldados armados, para fazer-lhe guarda.

—Vinte e cinco soldados? exclamou elle com um olhar de admiração. E para que eu quero esse exercito? Veja que não sou nenhum general!

—Excellencia, respondeu-lhe a auctoridade, os caminhos que vae percorrer são muito perigosos, por causa de uma quadrilha de ladrões que assaltam os viandantes. Ainda um dia destes mataram um negociante e leriram o seu empregado, roubando-lhe respeitavel somma.

—Mas eu não possuo dinheiro, não faço mal a ninguém e por isso não tenho medo. Quem ousará, pois, agredir-me?

Inuteis foram os pedidos que lhe fizeram, todos os conselhos que lhe deram para que desistisse desse seu intento.

Cavalgando o burrinho, seguido sempre do seu creado, lá foi elle por uma linda manhan, estrada a fóra, em demanda da freguezia, a mais distante de seu bispado.

A Igreja era tão pobre que nem paramentos possuia, desses que uzam os Bispos, rasão por que não poderia pontificar, como era seu desejo.

Alguns dias depois da sua entrada na parochia, chegaram ao pateo da igreja diversos cavalleiros com alguns cargueiros. Descarregaram apressadamente uns caixões pesados e partiram, sem nada esperar.

Os volumes, cinco ou seis, tinham o nome do Bispo.

—Deve ser alguém que nos mandou isto, disse S. Excellencia de bom humor ás pessoas que o acercavam.

Foram abertos e, com grande espanto de todos, retiraram-se de dentro custosos paramentos, mitras de valor, um baculo de ouro massiço, toalhas de linho, um calice com bellos lavores, castiças de prata, e muitos outros objectos de culto.

Além de tudo isso, foi retirado um sacco cheio de moedas de ouro, com um cartão onde se lia traçada com firme e boa calligraphia, a seguinte dedicatoria:

- A' S. Excia. o Sr. Bispo de . . . para os pobres de seu hospital."

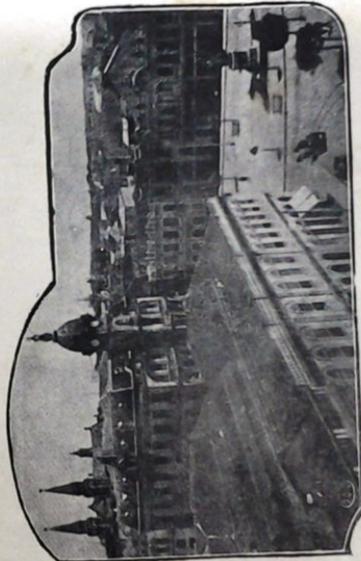
Alguns dias depois deste acontecimento, varios desconhecidos procuraram o virtuoso Prelado, com quem conversaram demoradamente, em um commodo reservado.

Soubese depois que eram os ladrões da terrivel quadriha.

Impressionados pela bondade do Bispo, vieram apresentar-se, prometendo, dali por diante, regenerarem-se.

E assim, nunca mais os moradores daquelles logares foram importunados pela atamada quadriha de salteadores, contra a qual fóra impotente a força armada.

(Do livro • Vida Escolar • — no prelo)



Praça Municipal



O ENSINO DA LINGUAGEM

Conhece-se a alma humana pela linguagem. Um observador criterioso que tenha a agudeza de perscrutar através da linguagem as virtudes e os defeitos de uma pessoa, conhecerá os homens como a palma de suas mãos.

Muitas vezes uma creatura não diz o que sente ou o que pensa e nem por isso deixa de denunciar o seu estado de falsidade. As expressões, quando não tem firmeza, quando não são reaes, trahem o individuo e transparece então a discordancia entre o que se passa no intimo da alma e o que sae pelos labios.

A linguagem classifica o individuo em relação ao patrimonio intellectual e moral sem esconder as menores particularidades.

Alfredo Binet, não condemnando outros meios empregados pelos psychologos experimentalistas, achava, entretanto, que a linguagem era para o experimentador de uma grande amplitude por si só sufficiente para alargar o campo de suas experiencias.

No seu precioso livro "Estudo Experimental da Intelligencia" publicado em 1903, escolhe a linguagem, sobre tudo a escripta, para dar a conhecer os diferentes typos intellectuales que elle classifica em :

- a) observador ;
- b) imaginativo ;
- c) erudito ;
- d) emotivo ;

E si não nos enganamos, em um de seus últimos trabalhos, referindo-se ás pesquisas mais exactas para o estudo da psychologia individual, declara categoricamente que a linguagem constitue o melhor laboratorio de psychologia experimental, pois não ha aparelho de precisão que a substitua.

A relação existente entre a linguagem e a intelligencia é tão estreita que para todos os pedagogistas o ensino desta materia occupa lugar distincto.

Ensinar, pois a falar e a escrever, é o mesmo que guiar a formação do pensamento, ou então é habituar o alumno a bem observar para melhor pensar, pois a linguagem não se forma ao acaso: é um producto do pensamento.

Toda a creança pensa, e manifestaria com exactidão o seu pensamento si tivesse ao seu alcance uma linguagem capaz de traduzir fielmente o que o seu cerebro elabora. Da mesma forma melhor comprehenderá as nossas lições si a linguagem que empregarmos para vehicular as idéas, os julgamentos e os raciocínios não lhe for em absoluto desconhecida. É claro que não nos referimos apenas ao vocabulario, mas tambem ao leito da linguagem, isto é, ao modo de coordenar as diferentes tonalidades do pensamento. Ha muita gente que escreve verdades para não ser comprehendida.

Na observação, pois, está a pedra de toque do ensino da linguagem. Não nos esqueçamos, porem, que as observações superficiaes, pouco influem para formar idéas e conhecimentos novos. Devem aprofundar-se tanto quanto possível até despertar o sentimento esthetico, descobrindo propriedades que apenas surgem quando encaradas sob diferentes aspectos e que por isso nos conduzem a senti-las.

As descrições de objectos, animaes, scenas da natureza, etc., tem sido empregadas em todas as escolas e em todos os tempos. E nem ha outro caminho a seguir. Essas lições, porem, são tiradas de uma observação tão superficial que deixam de produzir os desejados fructos. Donde resulta que a creança escreve cousas banaes sobre assumptos que empolgam.

O escriptor vale pela pureza da sua linguagem, não só em relação ás regras grammaticaes, mas, sobretudo, pela clareza de sua exposição, pelo methodo empregado na analyse dos assumptos em seus mais interessantes detalhes, retratando fielmente as cousas, as pessoas, ou as scenas para estampar em nosso intimo um mundo de sensações e fazer germinar idéas que perdurem, mesmo depois de fechadas as paginas do livro.

Assim o poeta: pouco importa a medida exacta do verso e a harmonia impecavel da rima. O que se pede é a clareza do thema, desenvolvido com arte e sem prejudicar a limpidez das idéas, que devem ser exactas.

Póde o escriptor ou o poeta usar de uma linguagem vestida dos mais ricos adornos, ou preferir a palavra simples, despida de atavios. Ambas essas formas, quando rigorosamente usadas, agradam, uma vez que se veja nellas, não um fundo raso, pueril, suspenso no ar, mas uma verdade palpitante, intensa e clara como a propria luz.

O escriptor, ou o poeta, é, em primeiro lugar, um observador completo. Depois é um fiel interprete das suas observações, externadas por meio da palavra.

Ninguém negará que a creança póde elevar o nivel do seu pensamento, uma vez que lhe proporcionemos caminho para ensaiar e cultivar o pensamento. Não sabendo pensar, não poderá saber escrever, ainda mesmo que já se encontre avançada nos conhecimentos grammaticaes, conhecimentos que jamais a ensinarão a escrever, pois que, de facto, a grammatica não ensinou creatura alguma a escrever, nem consta que os escriptores nella tenham encontrado recursos para a sua formação. Uma vez, porém, que se habitue a observar, descobrindo, por meio da analyse, predicados que pareciam occultos; venho mais com os olhos da alma do que propriamente com o organ da vista; descobrindo em cada cousa uma razão de ser, uma lição, um exemplo para a vida, pois que tudo quanto nos rodeia tem uma feição espiritual,—facilmente trasladará o seu pensamento para o papel, com a mesma fidelidade com que costuma confessar as

suas culpas, quando tem diante de si pessoa que lhe mereça confiança.

E' então chegado o momento do professor ensinar um vocabulario mais amplo, mais justo, que se enquadre para cada caso, afim de que a expressão tenha força e as imagens appareçam com brilho.

Cada palavra nova, explicada segundo o seu sentido, deve ser ensinada, em diferentes sentenças e comparada a outras que são equivalentes, para mostrar em que caso tem a sua applicação.

Uma vez senhora de um vocabulario mais amplo, facil lhe será escrever com mais acerto e a propria belleza dos vocabulos aguçará o desejo de continuar a escrever sobre outros temas que lhe forem propostos.

Não se apoquente o professor si o seu alumno se descuidar das regras grammaticaes, uma vez que se certifique de que já começa a escrever com justeza de vistas; porque a correção da linguagem material facilmente virá, com a correção do pensamento, pois na verdade não é facil comprehender as regras grammaticaes, quando a intelligencia é incapaz de analysar um assumpto. E as regras, segundo a opinião unanime dos mestres, vêm sempre depois dos casos concretos. A grammatica appareceu depois dos casos da lingua; della é uma consequencia.

Como, pois, collocarmos a grammatica em primeiro plano?

Perguntemos ao estudante do Gymnasio ou da E. Normal si o estudo acurado da grammatica o ensinou a escrever com justeza. Quantas vezes, citando as regras aprendidas de cór, não deu o estudante exemplos errados?

Póde uma creança de seis ou sete annos escrever, segundo as prescripções apontadas?

Perfeitamente. Nem é difficil conseguir, em tão tenra idade, descobrir, com tal antecedencia, si mora nesse corpinho a alma de um futuro escriptor.

A creança é bem mais intelligente do que nos parece. E si a consideramos bobinha, é porque não a sabemos julgar, em virtude de uma falsa observação.

Nesse seu cerebrazinho anda um mundo de cousas que nós, infelizmente, não sabemos aproveitar, para proporcionar-lhe os meios racionais do desenvolvimento a que tem direito, principalmente na quadra caracteristica de sua curiosidade.

E desse modo retardamos, prorogando o desenvolvimento inadivél da sua intelligencia, desprezando a época mais propicia, que é a do embryão.

Acostumemos, pois, a creança, a observar; demos nós, a principio, o exemplo; depois deixemol-a descobrir sobre um objecto, um animal, uma planta ou um homem, e por meio de perguntas arranquemos juizos que façam luz sobre todas as propriedades dos assumptos examinados. Findo o trabalho, convidemol-a a escrever tudo quanto observou e venemos então que não encontrará difficuldade para coordenar as idéas que aprendeu.

E. N. Martins

ANCHIETA

Cavalleiro da mystica aventura,
Heroe christão! nas povoações atrozes
Sonhas, casando a tua voz ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, ora filhos, ora algizes,
Aves pela innocencia, e onças feroces
Pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e chimeras,
Bandeirante de «entradas» mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbraves,
Cantas; Orpheu humanisando as feras,
São Francisco de Assis prezando ás aves.

Cláudio Silva

RESPEITAMOS A VIDA!

Qual o ente humano consciente, que, observando a saída de um pinto de seu envólucro, depois de bicar a casca à procura do ar e da luz, se não commove quando o vê emfim livre, com os olhitos a mexer e a brilhar, o pipilar reclamando protecção e todos os movimentos caracterisando a vida!

Com mais razão se commoverá ante o quadro de um recém-nascido humano, principalmente quando essa creança é o producto de nosso ser — e o nosso filho!

Se um simples pintainho nos desperta interesse, se uma creancinha nos sensibiliza, isso prova que existe nesses pequenos seres alguma coisa de sagrado, que devemos respeitar acima de tudo: — é a Vida.

Nove longos mezes leva o ente humano para se formar, partindo da cellula inicial ou ovulo fecundado, passando pelas phases do blastoderma para chegar a embrião e finalmente a feto, a termo, ao cabo de 280 dias.

Depois de algumas horas de soffrimento reciproco, ás vezes só com o auxilio da mão humana, consegue respirar, cessando ao mesmo tempo a circulação, que se fazia por intermedio do organismo materno, para se estabelecer a definitiva circulação, começando o pequeno coração a bater rapidamente, 140 vezes em um minuto, os pulmões a respirar, — 50 movimentos respiratorios no mesmo espaço de tempo.

Segue-se o periodo da lactação, quando ocorre a dupla felicidade do recém-nascido poder mamar (porque os ha incapazes de aspirar o leite) e da progenitora ser a propria nutriz (tambem existem mulheres que não produzem leite).

Ao quarto dia, em geral, começa o periodo da adaptação ao alimento, o qual só se forma ao fim do terceiro.

Sómente ao cabo de trinta dias surge o primeiro raio de luz na physionomia da creança, o sorriso, o lindo sorriso das creancinhas, denunciando a consciencia nascente.

Aos tres para quattros mezes é que enria o tronco, especialmente o pescoço; aos seis começa a sentar; aos sete apparecem-lhe os primeiros dentes; aos doze, só após 365 dias depois que vêm ao mundo é que a creatura humana consegue equilibrar-se e ensaiar os primeiros passos!

Tudo isso assim decorre, quando a evolução physiologica se processa normalmente, sem a intercorrença de accidentes, aliás communs, taes as molestias e affecções proprias dessa idade.

Com o apparecimento dos outros dentes, vai-se enriquecendo o vocabulario, limitado até então a simples sons, syllabas isoladas, phrases curtas.

Dos trabalhos e canseiras do nascimento aos dois annos, que o digam as mães que o sabem ser.

Empós esse periodo, que finda aos dois annos e que constitue a primeira infancia, em cujo termino a creança, de parasita que era do organismo materno, se torna ente humano em miniatura, com quasi todos os dentes, sabendo andar e fallar, sentindo o que deseja e repellindo o que a desagrada, transforma-se, emfim, em pequeno infante, já então classificado e estudado no periodo da segunda ou media infancia, que dos dois se prolonga até aos seis ou sete annos de idade.

Nessa phase, a intelligencia da creança vai-se desenvolvendo rapidamente, de tal modo que, aos tres annos, já sabem declinar seu nome e o dos objectos mais usuaves; aos quatro annos, algumas creanças já cantam, conversam com um vocabulario bastante accrescido, recitam e cantam poesias e canticos adequados.

Aos seis annos o progresso psychico é tão consideravel, que ahí terminando o segundo periodo ou da media

infancia, começa o terceiro, o período escolar, o qual se estende aos quatorze annos.

Novo progresso nessa phase, tanto no ponto de vista intellectual, como no affectivo, tornando-se a creança um ser cada vez mais complexo, resultante das tendencias naturaes, mais ou menos modificadas pela educação, pelo meio que vive e pelos exemplos.

Attingida a puberdade, phase de profundas modificações physiologicas e psychicas, alcança a creatura humana a maioridade.

Se mulher, o destino falia passar pelos soffrimentos inherentes ao sexo, concretizados em sua maxima expressão: a maternidade.

Se homem, depois de acabado o desenvolvimento physico, após tantos e tão rudes lances para disciplinar os instinctos, estimular e desenvolver o intellecto, methodisar a vida, escolhendo uma profissão ou uma arte, é chamado pela lei a pagar seu tributo de sangue, a aprender o manejo das armas para a defesa da patria.

Aqui é que começa, a meu ver, o triste destino da humanidade.

Depois de laboriosamente gerado, após crescer, desenvolver-se lenta e progressivamente, à custa de porfiados e exaustivos trabalhos dos genitores e pessoas, tendo-se transformado de um animalinho que fóra, cuja vida no entanto nos é tão cara, em um ente perfeito e complexo, vae então aprender a arte de matar seus semelhantes, entes humano como elle, como elle tendo paes e irmãos, servindo-se dos mais aperfeiçoados engenhos, de anno em anno modificados, de modo a matarem e destruirem o maior numero no menor espaço de tempo!

Triste e infeliz destino o da humanidade actual!

Ha, porém, symptomas evidentes de que caminha para uma solução deste magno problema, o qual preoccupa actualmente a melhor attenção dos principaes repre-

sentantes da quinta assembleia da benemerita Liga das Nações: — Herriot, o emineute chefe do Governo Francez e Mac Donald, o extraordinario primeiro ministro da Inglaterra.

Parere realmente incrível que até hoje não se haja chegado a um accordo internacional para resolver as questões entre nacionalidades, sem recorrer ao meio brutal e deshumano da guerra!

Acredito que, embora com difficuldade, se encontre a desejada formula, não por altruismo, pois não é esse o sentimento que dirige a humanidade, porém pela imperiosa necessidade em que se acham as Nações de limitar suas crescentes despesas militares, que asphyxiam os orçamentos actuaes dos Paizes civilizados.

Emquanto não atingirmos esse ideal, essa imperiosa necessidade, é mister que cada mãe, cada professora, os paes e os mestres, todos os responsaveis pela educação da mocidade e pelo futuro da humanidade; é mister, dizia, o cultivo da bondade, e do amor ao proximo, o horror ao homicidio e com mais razão ao morticínio que é a guerra, seja ella entre nações, entre raças, entre seitas e partidos politicos; porque a morte é uma só, o unico mal inteiramente irremediavel que existe.

E preciso praticarmos no seculo XX o mandamento maximo de todas as religiões, que ha 2000 annos o christianismo synthetizou nesta sublime e suggestiva phrase: "NÃO MATARAS!"

Dr. Mario Gomes.

O primeiro centenario de um grande educador patricio

O Barão de Macahubas

Atendendo ao appello do deputado Wanderley Pinho, quiz a Inspectoria Geral do Ensino deste Estado que, em todas as suas escolas, fosse, no dia 9 de Setembro, rememorada a benemerita personalidade do Barão de Macahubas, Dr. Abilio de Cezar Borges, grande propugnador da instrucção publica em nosso paiz durante o governo monarchico e cujo centenario de nascimento se commemorava, nesse dia, em todas as escolas do Brasil.

Nesse sentido foram expedidas circulares aos Srs. Directores dos estabelecimentos de ensino e demais professores do Estado, recommendando-lhes que fossem feitas, em aula, preleções aos seus alumnos sobre a individualidade de tão illustre patricio, merecedor dos mais justos elogios e cuja existencia foi longa, proveitosa e inteiramente dedicada á causa do ensino.

No intuito de perpetuar tão louvavel commemoração, «O Ensino», rendendo uma justa homenagem á memoria do valoroso educador brasileiro, divulga o seu glorioso nome, transportando para as suas paginas alguns dados biographicos de sua vida de actividade.

A 9 de Setembro de 1824 nasceu na villa de Rio das Contas, na então provincia da Bahia, o Sr. Abilio de Cezar Borges, mais tarde Barão de Macahubas.

Foram seus paes o Sr. Miguel Borges de Carvalho e D. Malalda Maria da Paixão.

Fez os seus estudos primarios na villa de seu nascimento, seguindo depois para a Capital da Provincia, em

1830, onde fez dois annos de curso secundario. Motivos de molestias o impediram de proseguir nos estudos, sendo obrigado a regressar para a casa de seus paes.

Em 1831 ponde novamente voltar, matriculando-se no curso de medicina da cidade de São Salvador, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, onde completou os seus estudos, sendo graduado em doutor no anno de 1874.

Seus exames foram brilhantissimos, tendo sido, o Dr. Abilio de Cezar Borges, premiado em varias cadeiras.

Durante 4 annos exerceu o magisterio e, em 1845, fundou, com alguns companheiros, o «Instituto Litterario da Bahia», do qual foi presidente e concorreu para a fundação da Academia Philomatica, mantida pelos principaes homens de letras daquelle tempo.

Foi redactor dos seguintes periodicos: Crepusculo, Archivio Medico Brasileiro, Auxiliador da Industria e Jornal do Commercio.

Voltando a Bahia clinicou durante alguns annos. Foi director geral da Instrucção Publica durante os governos dos Srs. Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, no anno de 1856, e desembargador João Lins Vieira Casanção de Sinimbu, em 1857.

Exonerado, a pedido, do exercicio de seus cargos, passou a dedicar-se ao ensino da mocidade, fundando, para isso, em 1858 um collegio, que se denominou Gymnasio Bahiano, do qual foi director durante 14 annos.

Depois de muito ahi ter praticado o exercicio de importantes servicos e reformas introduzidas no ensino da mocidade, transferiu o Collegio para outros, voltando ao Rio, onde fundou um outro estabelecimento igual.

Depois de muito viajar pela Europa, onde estudou com afinco as questões pedagogicas e se relacionou com as maiores sumidades no assumpto, durante aquella epoca, regressou á sua Patria a fim de, num campo mais vasto, poder pôr em pratica os methodos mais perfeitos que estudara.

Assim pois, em 1871, fundava o Dr. Abilio de Cezar Borges, no Rio de Janeiro, um estabelecimento de ensino modelar que se denominou—Collegio Abilio.

Em 1882 foi nomeado, pelo governo do Imperio, seu delegado junto ao Congresso Pedagógico Internacional que se reuniu em Buenos Ayres, tomando parte em importantes questões.

Sob a epigraphie de « Dissertação, » em sessão de 2 de Maio do referido anno, o Dr. Abilio apresentou a sua these, cujo thema era o seguinte :

1^o Influencia dos internatos normaes sobre o melhoramento e diffusão da instrução primaria;

2^o Os melhores meios de, em nossas escolas, sustentar a disciplina e excitar nos meninos o gosto pela instrução

O governo imperial, que já o havia nomeado Barão de Macshubas, concedeu-lhe por esta occasião as honras de grandeza.

Tendo imaginado um methodo de leitura que denominou, *Leitura Universal*, e convencido de que prestaria inestimavel serviço à sua Patria, abriu varios cursos publicos gratuitos de leitura.

Por occasião da guerra do Paraguay animou o espirito publico, escrevendo nos jornaes, e armou, á sua custa, o batalhão de zuavos Bahianos, que tão heroicamente se batem pela patria.

Fundou, juntamente com outros, a Sociedade Libertadora Sete de Setembro, que tinha por organo « O Abolicionista », para defender a causa da emancipação.

Entre os seus muitos e varios trabalhos citaremos os seguintes: *Proposições sobre sciencias medicas*, (1847); *Memoria sobre a mineração da Provincia da Bahia*; *Relatorios sobre a Instrução Publica da Provincia da Bahia*, 1857-1858; *Discursos sobre a educação*, 1862; *Grammatica portugueza e franceza* (1866); *Epitome de Geographia*; *Vinte*

annos de propaganda contra o emprego da palmatoria e outros castigos aviltantes no ensino da moralidade, 1860; *Vinte e dois annos em pré da elevação dos estudos no Brazil*, 1861; *Desenho linear ou geometria pratica popular*; *Luziadas de Camões*; *A lei nova do ensino infantil*; *Conferencia sobre o apparelho escolar multiplo e fraccionometro*; e *Epitome de grammatica franceza*. Alem dessas obras o Dr. Abilio de Cezar Borges publicou varios livros didacticos, os quaes eram distribuidos gratuitamente pelas Provincias do Paiz.

O Barão de Macshubas era socio do Instituto Historico e Geographico do Brazil; foi agraciado com as seguintes commendas: Cavalheiro da Ordem de Christo; Comendador da Ordem da Rosa e da Ordem de S. Gregorio Magno de Roma. Morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 1891, tendo, portanto, vivido 67 annos de vida util e proveitosa á patria e á humanidade.

Estrozes

Na infancia, a brisa nos acaricia
A louca fronte e o Sonho prolifera
Canções doiradas ao nascer do dia!
A juventude é irmã da Primavera...

Depois torna-se a vida mais sombria...
Vem a lagrima e nubla-se a razão...
E a adolescencia, equal á cotovia,
Desmaia ao sol ardente do Verão...

Mas a arvore do amor toda se enfiora.
O coração palpita mais agora,
Quando o Outono dá lirios de marfim!

Depois, depois, o sangue nos restria,
O corpo verga e o craneo alveja um dia,
Pois a velhice é como o Inverno em f.m!

Sabino Romariz

São os primórdios da Primavera que chegam, tudo vitalisando, florescendo tudo até o proprio cardo nutrido, transformando enfim em jardins exuberantes, os proprios espinheiros bravios.

E' a natureza sadia, viçosa e fecunda que volta com seus dias luminosos, empolgantes, para reanimar e elevar o homem da sumida pequenez do seu ser.

Valles e campos, florestas e campinas tomam o colorido de encantadoras paysagens, onde as frescas tintas, de uma nitidez profunda, são dispostas para o realce da vida em exuberancia.

Aqui, além, em toda parte, no rumor das cidades, povoadas de um exercito de operarios, no meio dos campos, onde legião de trabalhadores cultivam a doirada semente do trigo, em meio à colossal orchestra diaria do trabalho e do esforço, em meio à lucta incessante da humanidade que se associa e se repelle buscando o pão de cada dia; em cada rasto, de cada semblante se destaca mais animo, mais coragem, mais resolução para essa lucta sem treguas pela existencia.

E' que a Primavera é a vida, é a actividade, é a energia

Sob seu verde manto que nos sorri, sob a confortante suavidade de suas madrugadas que nos anima e nos murmura a alma as doçuras do dever, é grato o trabalhar. O son do malho que cabe pesalo na bigorna, desferindo entre queixumes, o plangente canto do desconforto, o luto enovellado das fabricas subindo em espiral as nuvens, o borborinho dos artefices nas cidades, os cantares repassados de nostalgia do lavrador, o ruído alegre do arado retalhando a terra, o vicejar das plantas, o crescer dos pomares, o florescer dos jardins—são hymnos de louvor cheio de bênçãos symphonias de gratidão que sobem à infinita mansão do Creador.

J. Busnardo

A primavera



A Primavera ... Formosa estação da nossa mais doce e mais grata alegria!

Enfastiados dos rigores de um rigoroso inverno, com seus dias chuvosos e noites de tempestades, em que, aos relampagos, responde rouquenha e atroadora a voz do trovão e o vento, sibilando entre gargalhadas, faz contorcere-se as ramadas dos arvorelos, sentimos como que um repouso salutar, o irromper de uma nova vida com a chegada dos formosos e vivificantes dias da estação das flores.

Nelles, o espirito se avigora para novas luctas, como se colhe à flor o perfume e o aroma que nos invade a alma vitalisando as nossas energias, fazendo renascer em nós mesmos um novo ser fortalecido, apto para correr audaz em busca das victorias do trabalho.

A natureza, em festas, cobre-se de luz e flores; tudo reverdece, tudo se transforma na completa posse de uma santa alegria, sob um céu todo feito de azul, de uma suavidade profunda.

De cada petala, de cada flôr, de cada folha, gotejando ainda o orvalho exaurido durante a noite, desprende-se nova força colhida nas azas da brisa que passa.

A vida irrompe, reconfortada por uma nova seiva. No trinar das aves, no manso deslisar dos regatos, entre o suave verde maduro da relva, ha hymnos de felicidade, de contentamento. A terra toda como que nos segreda ao ouvido, desattento, puros e suaves poemas de infindas venturas.

A PRIMAVERA

Da columna de honra do jornal «O Dia», conceituado matutino que se publica nesta cidade, «O Ensino» transcreve hoje o artigo cuja epigraphé é a que encima estas linhas e que diz respeito á festa realizada, sob os auspícios da Inspectoria Geral do Ensino, pelos Grupos Escolares da capital, no Passeio Publico, a 23 de Setembro.

• Si ha horas desalentoras, de veruladeira derrota para as vidas já amadurecidas na desillusão e no desenganho, certo, quadros como o que hontem nos foi dado assistir, nas alamedas do Passeio Publico, em meio ao chilrear festivo das creanças em saudação á Primavera, fazem esquecer desalentos e desenganos. Não foi uma festa infantil: foi uma gloriosa e estupenda apothose á vida e á esperança, á alegria e á fé, apothose de confiança e de enthusiasmo. •

• Quasi que se pôde dizer, traçou-se hontem, em pinceladas largas, um quadro biblico e maravilhoso: aos primeiros brotos reverdecendo os galhos nus das arvores, uma como que floração extranha e exuberante se espalhou pelos grammados, e a Primavera, gloriosamente, entrou pelo velho parque seguida dos hymnos, que foram entoados por milhares de vozes infantis, tal como si, por um milagre, as flores daquelle parque tivessem entoado hosannas á estação da mocidade e da vida. Flores eram aquellas crianças, como eram gorgeio, e vida e esperança. •

• Espalhadas pelas alamedas, aos milhares, todas de branco, os olhos vivos, os rostos afoqueados, faladoras, naquelle bruaña formigante, tinhá-se a impressão de uma scena movimentada de Watteau. •

• O proprio céu curvou-se mais azul e o dia, com transparencia mais luminosa, retratando nas aguas paradas do lago o perfil esguio das moitas, emoldurou em tons de colheta classica o quadro irrequieto daquelle bando de borboletas brancas, trefegãs e irrequietas. •

• Ao espectador, revivendo alegrias e esperanças na alegria dos filhos, alli entregues ao culto pagão da Natureza, em exercicio ao ar livre, puro e oxygenado, aquella scena era emocionante. Aquelles hymnos labavam á alma, como as mais empolgantes das lithurgias, como notas sagradas de um coro de vozes angelicas e mysticas. E, em as ouvindo, como que passa pelos nossos olhos aquella scena que as lendas arabes têm consagrado, da volta do inverno, quando o bando das andorinhas, ás primeiras notadas da invernia, abandonavam a planicie de Zend'Avesta, em demanda das terras da luz, do sol, da esperança. E, ao abandonar o bando alado, a terra assaltada pelos ventos rijos que desciam dos montes Uraes, saltando o céu azul com o bater de suas azas quasi negras e peito branco, deixando como um risco, o traço de sua passagem, como que levavam, na derrota seguida para a terra da Promissão, toda a alegria e toda a esperança daquellas planicies acotadas pelos primeiros sopros do inverno. Aqui, sob outro céu, sob outra luz, esse mesmo bando trouxe, aos que lhe assistiram a garrula irrequietação essa doce alegria de viver. E quadro que se não apagará nunca mais da lembrança: a Primavera ficará em sua retina com a mesma duração emocionante com que se guardam esses horizontes que se alongam, que se eslumam, que se desvanecem na mysteriosa irisação dos crepusculos. •



O Rio S. Francisco e Paulo Affonso

Uma lagrima a verter. . . mais outra e outra mais. . . e um filete d'agua, desaparecendo aqui e apparecendo ali, corre preguiçosamente.

Ninguém lhe dá importancia, ninguém se preoccupa com elle.

Mais adiante um filete se lhe une; e, em um filete maior, o primeiro continúa ainda a desaparecer algumas vezes entre as pedras, algumas vezes entre as folhas e outras vezes entre as raizes do arvoredo. Assim, depois de innumerables filetes lhe buscarem o seio, a primeira lagrima torna-se um ribeiro a choramingar no amago da floresta.

E vai correndo, correndo, e vai sem destino talvez, até que afinal, leguas depois, eis-o que surge, rio gigante, lutando contra a resistencia formidavel dos troncos, seculares que o margeiam, que andam mudos, e arrastando alguns nesse prelio extraordinario que se trava entre ambos, para o abysmo das suas aguas, ante os gritos lacerados dos ramos e raizes.

E' o rio S. Francisco. E' o rio S. Francisco que parte da adolescencia da vida e vai rumando, em rugidos de enthusiasmo, dentro do solo patrio, para o mar.

Agora já lhe dá importancia, todos se preoccupam com elle.

Plena tarde de inverno.

Descendo o rio, sobre a superficie das aguas, em direcção incognita, eis-o que parte, alma de hebreu, contemplando em silencio a formosura natural das florestas marginaes.

Época colonial

O seu trabalho é illuminar os corações desprovidos de luz, encaminhando-os pela vereda sacrosanta do bem,

fazendo aflorar nessas almas irrequietas e selvagens o sentimento sublime da *lé* e da verdade.

Leva consigo um garrafão de beberagem de quina, preventivo contra as torturas impiedosas do pallidismo.

Vai andando, vai andando rio abaixo, em companhia de um escravo forte, crente ou ateu, conhecedor ou imbecil, — e isso é natural, pouco importa — que lhe serve de companheiro pelo recondito inhospito das florestas verdejantes.

E, ao latego do vento, junto, bem junto da natureza, no bucolismo da paisagem, em vel-o assim, o quadro é o mais risonho, o mais encantador que se pôde imaginar.

Vai pensativo, levando de quando em vez o garrafão à bocca e, acto continuo, entrega-o, logo depois, ao escravo, que tambem sorve o liquido precioso contra a malaria.

Vai andando, vai andando rio abaixo, com a esperanza promissora da conquista ante a directriz inabalavel do seu pensamento — guia consciante do seu destino.

Vai andando, vai andando rio abaixo, sob um céu formoso de inverno, à superficie semi-impetuosa das aguas, no cumprimento do seu dever.

Sacerdote impavido, leva no coração a crença viva de Moyses, e corre com elle a salvar um povo e trazel-o à luz dulçorosa da civilização.

Fala, de espaço a espaço, e compassadamente, com o escravo indolente. Cabe logo após, silente, em profundos pensamentos, enquanto o escravo, aproveitando a occasião, bebe, bebe bastante, dorme depois. . .

Quando desperta, ouve, junto de si, o rumor formidavel de uma cachoeira que parece ser immensa. Arranca o sacerdote do seu profundo pensar. Tenta, auxiliado por elle, desviar a embarcação para averiguar a causa de tamanho barulho, mas, já noite, sombras errantes, no meio da solidade, não permitem a salvação de ambos. A força da corrente os attrahe para o abysmo insondavel do precipicio.

Perdida a esperança, na avania cruel do desenganado,
desiludido o escravo e conformado o sacerdote, ajoelha-se
este e entrega-se em fervorosa oração ao Senhor. E a em-
barcação precipita-se no pelago monstruoso do rio.

Chega a madrugada. . .

Longas litas de ouro e púrpura doiram o firmamento.
Os primeiros beijos do sol vêm surprender, entre as la-
grimas delicadas de orvalho, que andam perdidas pelo seio
da relva, o santo sacerdote, de joelhos, na mesma posição
da vespera, em êxtasis de oração.

Levanta-se, procura o companheiro e a embarcação.
Não pode encontrá-los. Perderam-se durante a noite, á vo-
ragem immensa das aguas. Parece o despertar de um sonho.

O sacerdote attendia pelo nome de Paulo Afonso e
Paulo Afonso se ficou chamando a mais soberba e magres-
tosa cachoeira do Brasil.

AMADEU COLOMBIA.

CHROMO

Na alcova sombria e quente
Pobre de mais, se não erro,
Reposa um moço doente
Sobre uma cama de ferro.

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher, que adormeça,
Em cuja perna curvada
Elle reclina a cabeça . . .

Vêm uma loira figura
Com a colher da tintura,
Que elle recusa num *ai!*

Mas o solícito anjinho
Diz-lhe com riso e carinho:
« Bebe, que é doce, papai! »

Bernardino da Costa Lopes

Os ichthyophagos dos Sambaquys

O homem que habitou os Sambaquys (1) tem repre-
sentante nas tribus indígenas que ainda habitam nosso paiz?

Esta indagação foi formulada por anthropólogos e
ethnólogos de elevado merito, nacionaes e estrangeiros, que
estudaram os Sambaquys, e o que ficou a tal respeito admi-
ttilido foi que a nossa prehistoria não fica sufficientemente
aclorada senão em parte, isto é, que dos indios actuaes, os
craneos dos Botucudos têm « notaveis analogias » com os
encontrados e estudados pelos sabios brasileiros professores
J. B. Lacerda e J. Rodrigues Peixoto nas ostreiras do Sul
do Brazil.

Desses estudos, Lacerda concluiu:

1^o. Que não existe homogeneidade de caracteres em
todos os seus elementos componentes, nos craneos do *ho-
mem dos Sambaquys*.

2^o. Que a divergencia de caracteres é devida á in-
fluencia de alguns factores, entre os quaes a sexualidade.

3^o. Que ao lado de caracteres divergentes a morpho-
logia das series estudadas apresenta certos caracteres fixos,
que fazem destacar o typo no meio das suas variantes.

(1) Segundo Baptista Castello, Sambaquy significa literalmente « mon-
tão de ostras », de *tambá*, concha, *ky*, collina conica como pellos de mulher.
Accrescenta o eminente tupynista: « Nos substantivos guaranyas a mudança do *t*
em *h* aspirado ou *gu* forma a passagem do valor abajado no relativo; como os
portuguezes na sua lingua não têm aspiração, davam na por *ç* ou *ç* e *ç* e *ç*. Além disso,
em palavras compostas, o quantico occupa o primeiro lugar, e dahi resulta *hambáky*,
collina de conchas. Póde também ser estropiamento de *hambakíab*, re-
fugo ou varredura de conchas ».

4. Que as formas dos crâneos encontrados nos Sambaquys estabelecem notáveis analogias entre aquelles crâneos e os crâneos do Botucudo.

Outro estudo notavel, com o mesmo objectivo, é o do Dr. J. Rodrigues Peixoto feito nos crâneos de indigenas existentes no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Destaco elle quatro tipos bem caracterisados: o do *Homem da Lagoa Santa*, (2) o do *Botucudo*, o do *Homem dos Sambaquys do Sul* e o do *Tupys*. Pelo estudo desses crâneos, o Dr. Rodrigues Peixoto formulou a hypothese de ser o *Homem dos Sambaquys* representante do da *Lagoa Santa*, possivelmente o *Botucudo* um producto do cruzamento de ambos, pois naquellas duas raças os caracteres cranologicos se reproduzem ativamente em alguns dos crâneos da terceira.

O typo do *Homem da Lagoa Santa* é, ora mais ou menos dissimulado, diz o emmente professor,—era um crâneo maior, de paredes muito espessas, de aspecto muito mais grosseiro e caracterizado por um prognatismo ainda mais consideravel que o dos negros da Africa Occidental.

O typo do *Homem dos Sambaquys* dos nossos Estados Meridionaes e que na egreja opinião citada parece ter sido um dos antepassados do Botucudo, é um crâneo subdolicocephalo que, oscillando até a brachicephalia, demonstra não pertencer tambem a uma raça pura. Seu indice nasal, extremamente uniforme, apresenta-o como exemplo de um typo humano dos mais leptorrhinos.

Desses estudos se constatou a presença, nos Sambaquys, de uma raça antepassada do Botucudo, de raras representantes actuaes.

(2) Ossadas humanas encontradas pelo Dr. Peter Wilhelm Lund, em 1844, (Cartas publicadas na Rev do Inst. Hist. e Geog. Braz.) nos districtes de Curvello, Sete Lagoas e Lagoa Santa, em Minas Geraes, onde o sabio dinamarquez, coordenador da prehistoria brasileira, achou em cerca de 200 cavernas, restos fósseis pertencentes a 54 generos animais, comprehendendo 114 especies, sendo, daquelles, 15 inteiramente novos. Na Caverna do Sumidouro e associada a restos fósseis do periodo quaternario, encontrou Lund cadáveres humanos inteiramente calcinados e parcialmente petrificados. Quatrefages e Alberto Gaudry opinam em que o *Homem da Lagoa Santa* viveu em epoca correspondente ao quaternario moderno da Europa, sendo que, outros, ás mais antigas formações desse periodo da historia da vida sobre a Terra.

O *Homem dos Sambaquys* é esse typo caracterizado pelos estudos cranologicos referido; mas nem sempre foi dessa raça o habitante, habitual ou temporario, das estreitas da costa maritima do Sul do paiz.

As mesmas indagações que chegaram áquelle resultado se referem a um quarto typo de crâneos, da mesma procedencia, que foram constatados como pertencentes a indios *Tupys*: pequenos, curtos, baixos, muito menos prognatias e corygnatas, de contornos mais brandos e linhas mais suaves, mesaticephalos, com tendencia a brachicephalia, de orbitas megastomas e nariz platyrrineo.

Do estudo dos artefactos encontrados nos Sambaquys, não tem resultado uma distincção dos que são obra dos originarios habitantes desses depositos archeologicos e dos que pertencem aos successores tupys.

Essa distincção deveria ser feita in-loco onde taes artefactos fossem encontrados ao lado das ossadas a que correspondessem.

No Museu Paranaense existem numerosos machados de pedras, desenterrados de Sambaquys do nosso littoral; alguns tão grosseiros quanto á forma e feito, que tanto parecem demonstrar o inicio da arte de confecção de taes instrumentos como a primeira phase do seu fabrico.

Serão do *Homem do Sambaquy* ou representarão a primeira phase de sua manufactura? Retirados do seu jazigo antes que tal pergunta fosse respondida, agora a interessantissima indagação somente poderá ser feita por um confronto de paços identicos a que não falem as condições acima apontadas.

Na minha opinião, sem valia aliás ante a elevação do assumpto, é que, aparte esses instrumentos, nenhum outro artefacto dos Sambaquys pôde, sem contestação, ser attribuido ao rule typo humano que primeiramente o habitou. São todos os que já vi, de evidente manufactura tupy, identicos aos encontrados nos planaltos, tanto os de pedra — machados, massètes, pontas de flexa; como os ceramicos — panellas, iguacabas, tijellas, etc.

Não fossem, pois, as imperativas soluções do problema dadas pela cronologia, e, diante de taes artefactos archeologicos, nenhum americanista certamente admitiria um *Homem dos Sambaquys* etnicamente diverso do Tupy.

Esse artefacto se caracterisam tanto pela igualdade dos materiaes de que se compõem como das formas de que se revestem. Vão do massêto formidável e do machado, de pedra poída, cortante e aggressivo, — as formas minusculas desses objectos, de uma delicadeza de acabamento que revela paciencia, gosto e intelligencia, e o ichthyophago do sambaquy não tinha essas qualidades.

Demais, o habitante permanente da nossa costa maritima não teria onde encontrar certos materiaes constantes de objectos que tem sido encontrados nas ostreiras, como, por exemplo, o quartzo hyalino, de que é feita uma linda ponta de flecha encontrada no Sambaquy Goulart, em Antonina, pelo Sr. Ignacio Pinto e que pertence hoje á collecção archeologica do Museu do Estado.

A primeira explicação do que seja um Sambaquy, foi dada por Fr. Gaspar da Madre de Deus em 1797, nas suas Memorias da Capitania de São Vicente e nos seguintes termos:

"Indios particulares em todo o tempo e povos inteiros em certos mezes vinham mariscar na costa; escolhiam entre os Mangaes algum lugar enxuto onde se arranchavam e dali sahiam como enxunes de abelhas a extrahir do lodo os cetaceos maritimos. E indisciplinada a immensidade que colhiam de Ostras, Berbigões, Ameijos, Sururu de varias castas e outros mariscos; mas a pesca principal era de Ostras e Berbigões ou porque gostassem mais delles ou porque os encontrassem em maior copia e collessem com facilidade.

"De tudo isto havia e ainda hoje ha muita abundancia nos Mangaes da Capitania de São Paulo. Com os taes mariscos se sustentavam emquanto durava a pescaria, e o resto seccavam e assim beneficiados conduziam para suas aldeias onde lhes servia de alimento por algum tempo. As conchas lançavam a uma parte do logar onde estavam con-

gregados e com ellas formaram montões tão grandes que parecem outeiros a quem agora os vê soterrados.

... "Na maior parte dellas (das Ostreiras) ainda se conservam inteiras as conchas e n'algumas acham-se machados, de seixo muito rijo, pedaços de panelhas quebradas e ossos de defuntos, pois que se algum indio morria no tempo da pescaria, servia de Cemiterio a Osteira, na qual depositavam o cadaver e depois o cobriam com conchas".

Dado que houvesse existido o *Homem dos Sambaquys*, como o demonstram serios estudos anthropologicos, a descripção de Frei Gaspar se refere á segunda phase da historia das Ostreiras suppondo-a originaria. Na sua epoca não se podia entender de outra maneira.

Resumindo as considerações que vimos fazendo em torno do interessantissimo assumpto, de accordo com as investigações dos mestres, temos a seriar na prehistorica brasileira:

I. O *Homem da Lagoa Santa* do periodo quaternario identificado por Lund, Quataerlages e Gaudry.

II O *Homem dos Sambaquys* estudado pelos anthropologos brasileiros Rodrigues Peixoto e Baptista Lacerda.

III. Os *Botucudos*, com caracteres craneologicos, que apresentam com os do segundo typo notaveis analogias.

IV. Os *Tupys*, raça invasora que deslocou o habitante do Sambaquy e o substituiu.

O apparecimento de Tupys nos arraiaes do *Homem dos Sambaquys*, denota o periodo de invasão do littoral por outra nação vinda de alem através dos planaltos. Trata-se sem nenhuma duvida dos Carijos que os europeus vieram encontrar na posse da nossa costa maritima por occasião do descobrimento.

Não admira que estes indios desalojassem os primitivos occupantes dos Sambaquys, pois que eram mais do que elles intelligentes, mais audazes e sem duvida mais nu-

meros, porque, já então, parte considerável do sertão era por elles dominada.

O Homem do Sambaquy teve o destino que estava reservado, no evolver de seculos, ao seu descendente — o Botucudo, que jogado pelo invasor para os invios sertões do Sul, veio a succumbir, ainda em nossos dias, exterminado pela «civilização» ovanite.

Enquanto a terra era somente sua, repartia a existencia entre os logares onde mais facil lhe era a subsistencia organica — unica preocupação da sua animalidade. Ora vivendo da caça e dos fructos nativos dos planaltos, ora, na estação hibernal, valendo-se das reservas naturaes das estreitas que o mar occumulava em determinados pontos da costa, o Homem do Sambaquy, o Botucudo, e, depois ainda, o Tupy alienigera, preencheram essa enfiada de seculos que a nossa prehistorica jamais poderá dizer quantos foram, e que fica nos grosseiros artefactos encontrados nas rollinas conchylieras da nossa baixada maritima, attestando o baixo nivel intellectual nos primeiros, e nos segundos ausencia completa de um pensamento materialisado em qualquer forma particular da arte monumental, tão elevada e distincta nos povos americanos que habitavam o littoral do Pacifico.

Romario Martins.



Grandes Vultos da nossa Historia.

VISCONDE DE CAYRÚ

José da Silva Lisboa, mais tarde Visconde de Cayrú, juriscônsulte de nomeada, foi, sem nenhum embarco, um dos genios mais cultos e de maior valor que o Brasil tem produzido.

Dotado de uma vastissima intelligencia, applicada conscientemente numa variedade de questões importantissimas, foi, esse homem illustre, tido na conta das maiores mentalidades de seu tempo.

Nascido na Bahia, a 16 de Julho de 1756, iniciou os seus estudos primarios com oito annos de idade. O amor pelas lettras se revelou a desde logo e, tão bem se houve nesses estudos, que, com essa idade, passou a estudar a grammatica latina.

Seus preparatorios foram concluidos em Lisboa, onde se dedicou aos estudos de philosophia racional e moral. Naquelle cidade foi alumno de rethorica do distincto professor Snr. Pedro José da Fonseca.

Transferindo-se para Coimbra, em cuja universidade se matriculou nos cursos juridicos e philosophicos, em 1774, ali se formou em canones no anno de 1779.

Dedicando-se ao estudo das linguas hebrica e grega tornou-se nellas tão versado que, em 1778, foi por decreto nomeado substituto das releridas cadeiras no mencionado estabelecimento de ensino.

Formado em direito e philosophia, pela Universidade de Coimbra, voltou á sua patria, onde veio occupar o cargo de professor de philosophia racional e moral, na cidade da Bahia, creando tambem ali a cadeira de lingua grega.

Ao magisterio superior dedicou-se durante 20 annos, voltando em 1797 a Lisboa, onde D. João VI lhe concedeu a mercê de o nomear para o cargo de deputado e secretario da Mesa de Inspekção da Bahia; em cujo posto prestou relevantes serviços á agricultura e ao commercio da Provincia.

Foi em Lisboa que as suas primeiras obras vieram á publicidade.

E a 1801 foi publicado um importantissimo tratado sobre *Os Principios de Direito mercantil e Leis de Marinha e dos Principios de Economia Politica*, a primeira obra portugueza sobre tal assumpto e que teve larga divulgação, sendo reeditada diversas vezes e traduzida para o inglez.

Em varios tratados procurou incrementar a industria e o commercio, defendendo as suas bases e propagando os principios de direito commercial e tratou ainda da abolição do monopolio.

De volta ao Brasil cuidou novamente dos interesses directos de sua patria e, relacionado como estava com o Marquez de Aguiar, indicou-lhe as vantagens de se abrirem os portos de Portugal e suas colonias a todas as nações amigas, conseguindo que, por carta regia de 24 de Janeiro de 1808, fossem postos em pratica os seus patrióticos desejos.

Este acto do Principe Regente não logrou, contudo, satisfazer de momento os interesses de todos os commerciantes portuguezes, os quaes não comprehenderam, de prompto, o alcance de tão importante medida, razão por que se levantou grande e injusta campanha contra José da Silva Lisboa, sendo tentados todos os meios afim que fosse revogada a referida carta regia.

Mas, o seu auctor, já então nomeado, por decreto de 3 de Fevereiro de 1808, professor de economia politica no

Rio de Janeiro, defendeu plenamente o seu trabalho, intelligentemente leito, e devotado todo inteiro ao progresso de Portugal e as suas colonias, chegando a publicar as 1.^a e 2.^a partes de um tratado intitulado *«Observações sobre o Commercio Franco.»*

Ainda esse trabalho, depois julgado de grande merito, soffreu rigorosa critica de um censor, que taxou o seu auctor de *vêtu de Estado e merecedor de pena capital.*

Acclamado pelo povo fluminense, foi o Dr. José da Silva Lisboa escolhido para inspector geral dos estabelecimentos litterarios e director dos estudos. Como collaborador do *«Conciliador do Reino Unido,»* periodico de grande vulto naquella época de revolução para o Brasil, enorme foi o seu concurso, aconselhando ao povo a paz, a concordia, a harmonia entre todos os cidadãos dessa nova patria que do Mundo surgiu para o conceito das nações.

Defensor integerrimo do Principe Regente, reagiu em favor de seus direitos legaes como filho da casa de Bragança e herdeiro directo de um throno, expondo, em suas *«Relações»*, as vantagens de se formar então uma monarchia constitucional, unica forma de governo capaz de assegurar um futuro solido e garantidor da ordem, dentro de uma liberdade consciente e productiva.

Eleito deputado á assembleia constituinte, deixou ali vestigios salientes de um talento superior; foi ainda senador pela sua provincia natal.

Seus discursos na camara obedeciam a uma inquebrantavel justeza de caracter que o tornava digno de admiração, amparado e defendendo sempre assumptos importantissimos ou projectos de interesses collectivos.

Era escriptor fertilissimo e incançavel; como polemista revelou sempre muita delicadeza de espirito e uma inquebrantavel resistencia; manteve-se na lucta com uma decencia admiravel, que o levava á victoria pelos vastissimos recursos de sua intelligencia.

Varios são os seus trabalhos escriptos e discursos que se publicaram.

Escrevia constantemente sobre assumptos philosophicos, politicos, literarios e religiosos. A economia politica foi sempre a sua maior preocupação.

Foi membro de diversas sociedades scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras, sendo, dentre ellas, seis do Instituto Historico da França.

Exerceu sempre importantissimas commissões, taes como: deputado a Real Junta do Commercio, Fazenda, Agricultura, Fabricas e Navegação do Estado do Brasil; desembargador da Mesa do Desembargo do Paço e do Commercio e Ordem; e desembargador geral da Casa da Supplicação do Reino do Brasil.

Quando deputado apresentou um projecto do "*Codigo do Commercio*", não tendo tido a felicidade de o ver approvado e sancionado, pois pertinzia enfermidade arrebatada-lhe a vida a 20 de Agosto de 1835.

Possuidor de varias commendas pertencentes a diversas ordens de Portugal, fora-lhe ainda, por aquelle governo, concedido o titulo de VISCONDE DE CAYRÚ.

Durante mais de meio seculo foi a existencia do Visconde de Cayrú farta de actividade patriotica e intelligentemente devotada a sua Patria; a nobreza de sentimentos e rectidão de caracter foram sempre a directriz de sua vida, tanto publica como privada.

Curityba, Setembro de 1924

S. B. JUNIOR

Organização Sanitaria Escolar

— pelo —

Dr. J. P. Fontenelle

Do Departamento Nacional de Saúde Pública.

Cada dia que se passa mais aumenta a impressão da importancia do problema da saúde na escola. E' facto já bem verificado que a correção dos defeitos corporaes (anormalidades da visão e da audição, vegetações adenoides, hypertrophia das amygdales, carie dentaria, etc.) e a cura de certas doenças, como a opilação, por exemplo, permitem a acceleração do crescimento e augmentam o aproveitamento escolar, de modo que o diagnostico e o tratamento desses defeitos e doenças são de alto valor, produzindo effeito tanto mais benéfico quanto mais cedo se faz esse trabalho. Por outro lado, está perfeitamente reconhecido o grande valor do ensino das noções elementares de hygiene e a indispensavel necessidade da criação de bons habitos de vida, o mais cedo possível, esforço esse que pôde e deve ser tentado desde a escola, e até, em certos casos, na idade pré-escolar. As doenças transmissiveis encontram no meio escolar esplendidas oportunidades de disseminação, dahi passando, facilmente, para os lares, pelo que é indispensavel considerar o trabalho da prophylaxia desses males na escola como real necessidade e estricte obrigação das collectividades organizadas. Nenhum povo poderá ser valido, forte e sadio si, desde a escola primaria, todos os esforços não se conjugarem para o cultivo da saúde individual.

A organização sanitaria escolar tem multiplas funcções, entre as quaes sobresahem: 1.º, garantir ás crianças na escola um meio sadio, fazendo com que o edificio escolar e seu mobiliario estejam em perfeito accordo com as exi-

gencias hygienicas; 2^o, fazer o exame de todas as crianças, para reconhecer o respectivo estado de saúde, descobrindo as anormalidades physicas e mentaes que impõem condições particulares para o regimen educativo; 3^o, corrigir os defeitos ou doenças que podem aflectar o aproveitamento escolar, ou que tornarão o individuo, mais tarde, um adulto imperfeito ou pouco eficiente; 4^o, fiscalizar a educação physica das crianças, proporcionando-lhe ao grão de desenvolvimento e ás condições particulares de cada alumno; 5^o, fazer a prophylaxia das doenças transmissiveis, evitando sua disseminação entre os escolares e impedindo a propagação a suas familias; 6^o, instruir as crianças nos principios da hygiene, procurando criar bons habitos de vida, e iniciar as meninas nos primordios da arte de ser mãe.

A organização sanitaria das escolas precisa dispor de medicos, enfermeiras, dispensarios, classes ao ar livre, colônias de férias e cantinas. Na maior parte das grandes e adelantadas cidades, a organização sanitaria escolar depende da repartição de saúde em vez da de instrução, não somente porque a função da primeira é cuidar de instrução, enquanto que a da segunda é cuidar da saúde em todas as idades e profissões, para o que normalmente deve esta encontrar-se convenientemente aparelhada, coisa que se não dá com a primeira. Nem se pôde comprehender porque a repartição sanitaria ha de ter o encargo de velar pela saúde das crianças até a idade de 5 annos e passar depois essa responsabilidade á outra repartição, da qual a receberá, de novo, desde que a criança chegue á adolescencia. Deveremos tambem considerar que a criança está na escola apenas durante 4 horas, das 24 do dia, approximadamente por uns 200 dias, nos 365 do anno, o que mostra por quão curto prazo ficam as crianças com a saúde sob os cuidados da repartição de instrução, cuja autoridade não vai até os lares, como a da repartição sanitaria. A unidade de acção é de effectos muito beneficos nos tempos de epidemia, em que o trabalho nas escolas tem a mais alta importancia no esforço prophylactico. Dali a necessidade de deixar-se, como se vai fazendo cada vez mais, a direcção do serviço ás autoridades sanitarias, ficando as autoridades de que dependem as escolas no dever de facilitarem e apoiarem, da me-

lhor maneira, esse grande e indispensavel trabalho em prol da saúde, presente e futura.

O medico escolar. — A função de medico escolar exige que o profissional que a exerça tenha não somente uma boa instrução geral como tambem estudos especiaes sobre as questões de medicina da criança e de hygiene das escolas, ao par de entusiasmo pelo serviço. A nomeação de um medico qualquer para exercer essa função leva aos mais funestos resultados, o menor dos quaes é a completa inefficiencia do trabalho. A regra geral, em nosso paiz, é entregar-se essa função a um medico clinico que de uma, duas, ou tres horas de seu dia ao trabalho nas escolas, situação que deve ser radicalmente modificada, a exemplo do que se vai passando em adelantadas cidades norte-americanas, onde o medico escolar emprega nesse mister todo seu tempo, sendo um verdadeiro profissional especialista. Por esse processo, recebendo um melhor pagamento, pôde o medico dedicar-se inteiramente a suas funções especializadas, o que exige um numero menor de funcionarios e produz resultados muito mais perfectos.

As obrigações do medico escolar são, principalmente, fazer as visitas diarias ás escolas que lhe forem distribuidas; inspecionar o edificio escolar, seu mobiliario e o estado de asseio; examinar as crianças em compartimento especial da escola, ou em dispensario, quando existe; organizar o registro sanitario dos escolares; vaccinar as crianças contra a variola e contra a diptheria; colher material para exames de laboratorio; fiscalizar a educação physica; tomar todas as medidas para a prophylaxia das doenças transmissiveis; dirigir e fiscalizar a instrução hygienica dos escolares.

A enfermeira escolar. — Até bem pouco as organizações sanitarias das escolas estavam reduzidas ao serviço dos medicos, que descobriam innumeraveis defeitos nas crianças, conseguindo que apenas pequena porção delles fossem corrigidos. O medico encontrava o defeito ou doença, comunicava o facto aos paes dos alumnos, mas a indiferença ou a ignorancia destes não permitia que a situação fosse modificada, perdendo-se, assim, toda a utilidade do serviço

inicial. E' que faltava um laço de união entre o medico e os paes ou responsaveis, uma ligação entre a escola e o lar. Essa ligação foi estabelecida pela *enfermeira escolar*, ajudante do medico e ampladora de seus esforços.

As estatísticas estão cheias de provas dos beneficios trazidos pela introdução da enfermiera, na organização sanitaria escolar, e o resultado mais eloquente é a percentagem muito maior dos defeitos corrigidos e das doenças tratadas. A enfermiera escolar precisa ter uma boa base de instrução, mas é necessario que haja estudado tambem questões de hygiene e de saúde publica, bem como indispensavel que tenha feito um curso especial sobre as questões escolares. Alem dessas qualidades technicas, não pode deixar de ser paciente, perseverante e getosa com as crianças.

A enfermiera escolar é a auxiliar immediato do medico, ajudando-o nos exames, fazendo inspecções liarias nas escolas; assistindo-o nos trabalhos dos dispensarios, tomando a si, muito particularmente, o ensino vivo da hygiene, acudindo com os primeiros cuidados nos accidentes e fazendo os curativos que forem necesarios. Alem disso, visita as familias dos alumnos, servindo de traço de união entre a escola e os lares, onde esclarece os pais sobre as necessidades dos filhos, de modo a augmentar extraordinariamente os resultados do trabalho em prol da saúde dos escolares.

Exames e inspecções nos escolares. — Alem do exame inicial para estabelecimento do registro sanitario individual, deverão as crianças ser examinadas todos os annos, para verificação das modificações que possam apresentar. Está bem estabelecida, desde já, a vantagem de fazer o primeiro exame o mais precocemente possivel, para obter-se promptamente a correção dos defeitos encontrados. Esses exames são sempre feitos pelo medico, auxiliado pela enfermiera.

Diariamente, porém, todos os alumnos devem ser inspecionados pela enfermiera, de collaboração com a professora, sendo escopo dessa inspecção fiscalizar o aseo das crianças, descobrir a presença de parasitos ou lobrigar o inicio de qualquer doença.

Dispensarios escolares. — Elementos de grande valor na organização sanitaria das escolas são os dispensarios, bem como ao tratamento de doenças ou correção de defeitos nas crianças sem recursos. Esses dispensarios são installados, em geral, em locais apropriados, servindo a varias escolas, ou até a todas, quando se tratar de uma pequena cidade, e ás vezes collocados em compartimento especial de uma das escolas.

Afim de evitar o abuso do tratamento, nos dispensarios escolares, de crianças que tenham meios para tratar-se com medico particular, só devem ser attendidos os alumnos que venham acompanhados de cartão da enfermiera, cuja visita ao domicilio lhe permite apurar as condições sociais da familia. Um principio novo parece começar a generalizar-se: o do tratamento das outras crianças mediante pequena remuneração. Reconhecida a grande importancia da correção dos defeitos physicos, o mais cedo possivel todos os esforços devem ser tentados para chegar-se a tal resultado.

Ensino da hygiene nas escolas. — O progresso maior em materia de protecção e melhoramento da saúde provém da educação hygienica dos individuos, começada o mais cedo possivel, para que desde o inicio da vida sejam criados habitos hygienicos, em vez de mais tarde, com grandes difficuldades, ser necessario combater os máos costumes já arraigados e procurar substituil-os por normas de proceder de accôrdo com as regras da hygiene. Assim, é nas escolas que deve ser feito o maior esforço educativo, procurando-se que viva a criança n'um meio perfeitamente hygienico e cercado de pessoas cujos habitos são os que se quer inculcar como bons. E não sómente obtêm-se, por esse modo, que os habitos do escolar se formem ao influxo desse meio sadio, como tambem exerce-se por intermedio da criança accentuada influencia no lar e na familia.

A enfermiera escolar preenche importante função na educação hygienica, collaboração estreitamente com a professora.

O ensino deve ser eminentemente pratico, lido por meio de exemplos e pela propria maneira de viver na escola. Todas as oportunidades devem ser aproveitadas como motivos e assumptos para a lição de hygiene, pois que, assim, produzem impressão muito maior e tem effeitos mais duradouros. A vida escolar é cheia de motivos para lições practicas: a má posição de pé ou sentada, o desassieio do corpo, o má estado dos dentes, os resfriamentos, etc. De muita importancia deve ser o systema de pôr em destaque o conceito positivo de «saude», em vez da idéa negativa de «doença».

No esforço de tornar pratico o ensino da hygiene nas escolas, interessando directamente as crianças, tem sido ultimamente tentado o systema de organizar jogos e brinquedos em que a saude beneficie directamente e até de premiar o desempenho de actos e costumes uteis, inscriptos pelos proprios escolares em registros especiaes. E assim que constituem «pontos», nesses torneios, a dormida de janelas abertas, o banho tomado com frequencia, a comida variada e a horas certas, o uso diario do leite, a bebida de uns tantos copos de agua por dia, o não escarrar no chão, o emprego do lenço diante da bocca e do nariz ao tossir ou espirrar, etc. Para as crianças das classes mais elementares, o ensino pôde começar por meio de historias, em que fiquem em destaque os bons habitos de viver, que conduzem á perfeita saude.



VIADUCTO CARVALHO

E. F. BARANA

VISÕES DO PASSADO

Aquellas cujas memorias dos primeiros annos, os fazem melhor comprehender e amar a Creanga.

Na religiosidade do luar transparente e embalador, que leva em pòs toda a actividade intima, nesse estado vago de irrealidade em que a alma fluctúa sem a noção das cousas e dos factos de implacavel realidade — é mais forte, dominadora, é mais irresistivelmente empolgante a acção espiritual sobre o sentimento.

Vôga a mente sem peias, e lança-se á encantação dos longes perdidos na altura e o espirito sente revelar-se estranha e dolorida saudade!

Mal se podem graphar, condemnando-as a quasi materialidade de uma linguagem chã — as reflexões multiplas, as emoções variadas — nebulosidades de alto mysterio que de tudo emana e que succedem, multiórmes, nesse mágo silencio, ao léo da scisma.

Entretanto, basta desprender-se da altura uma estrela cadente que se apaga no instantaneo trajecto — para se reanimar n'alma o sentimento da suprema pequenez das cousas, na transformação dos tempos!

De lembrança em lembrança, embalada por doce reminiscencia vivificadora, vae a alma modulando vária, a saudade de tudo que passou, de tudo que morreu!

Germens de emoções desleitas amortalhadas na maciez do luar — vibrações que não se perdem, porque perpetuadas na vida do Universo — atrahem-se, condensam-se, bailam um instante por sobre a alma que as evoca e pou-

sum emfim sobre ella — delineando perfis que se destacam e animam, como que voltando do pungitivo "além", d'um exilio ignoto ou de simples ausencia temporaria — quiza dolorida. . .

Na quietude da Noite, dentro d'alma — vezes se fazem ouvir, tão gratas! Olhares se prescruzam tão serenos, na mutua intimidade de mesmos pensamentos, de affectos puros, de innatas afinidades. Gestos de out'ora se reparam, colloquios se estabelecem. . .

Das paisagens — linha a linha se patenteia á retina á vida que a saudade espiritualisa: — aqui, o predilecto recanto de um pomar; ali, a curva de um caminho; além, uma pedra solta. . . Longe, n'um cérrto tapetado de verdura, o humilde ranchinho de madeira descorada pelo tempo — como uma joia, laiscando ao sol. . . Mais distante é a campina que onduia e macia se perde, mui longe, na encosta de uma Serra — é a Pedra-Branca. . . Nessa alcatifa de suave matiz o olhar descança por vezes no velluloso relevo dos capões dispersos. . .

Eis agora o valle, onde, profundas e mansas, rolam as aguas do rio Tibagy. Cava-se aqui o alto barranco de seu leito — é o *Porto* onde a balsa se chega branda e se afasta ainda mais mansa e em cujas paredes a agua murmurara como um estribilho de ternura. . .

Um pouco acima, a ilha, tão mysteriosa aos meus olhos de creança, mas que é um simples "bouquet" de verdura, acariciada pela corrente.

Depois a cachoeira lenharia, rumorosa e branca de espuma, erçada de pedras escuras. Como brame, ao soar a meia noite! E, em noite de luar não será aquelle bramido o echo de alguma cousa que vive, d'algum sentimento, de alguma dor? Um soluço da natureza talvez, a cortar o percurso dessa grande lagrima adamantina que é um rio, no seio da noite enlaurada!

Era de ver a comitiva jovial a desdobrar-se pela estrada em curvas, accidentadas e vária em todo o percurso.

A margem, de uma a uma se ficavam as Fazendas, acolhedoras de viajantes: a "Fazendinha", encantadora e fiavel; a austera "Fortaleza", cheia de lendas e sombras; depois, novas campinas abertas, monotonas, claras. . . Ao alto de uma collina, sorria, mui branca e longe, a vasta casa hospiteira de "Monte-Alegre" ponto terminal dos campos e dos largos horizontes.

A matta começava, então, ainda rãta, por agigantados pinheiros dispersos. Parecia diminuir ante elles a estatura dos viajantes que, ao passo lento dos animaes — deixavam-se como que penetrar pela deliciosa sedução da floresta. Ares transparentes, claridades triumphantes, ambiente saturado pelo aroma forte e vivificante das resinas e folhagens pareciam adormecer os membros lasos e translundirem-se docemente n'alma.

"Titio", o pensamento erradio, repleto da nostalgia de sua terra — cantava, descantando saudades e amores, ao compasso rithmado da comitiva que seguia na dianteira. Tambem ali impregnavam-se todas do bem-estar que a sombra das arvores proporcionava — os Camaradas palestravam, expandiam-se em risos francos, em gargalhadas sonoras (como soam ser as do nosso preto Messias) que repercutiam pelas quebradas. . .

Diminuia, então, a marcha embolada das avoilhas calmas, cujos solértes, cabriolando, manifestavam instinctiva alegria — banhando-se no frescor da matta acolhedora.

Assim proseguíamos por horas, até que á margem de um arroio, o almoço frugal decorria sadiamente alvorocado sob o encanto da simplicidade, no prazer de viver primitivamente.

Ao declinar da soalheira, punhamo-nos de novo á caminho, nesse caminho já estreito e difficil, no obscuro do sertão.

Uns após outros, seguia-mos de perto, lentamente, e era necessario, ás vezes, que algum muito intrépido se guisse na frente, só, a desbravar passagem no emmaranhamento da vegetação exuberante.

Mais adiante, arqueavam-se indefinidamente por sobre nossas cabeças, graciosas taquaras de folhagem delicada e tremula, forçando como que um longo docel de inefável frescura — nave solenne de mystica penumbra, no recolhimento da matta virgem . . .

Risos e cantos haviam cessado. Ninguém falava.

No meu intimo, no sonho embryão da creança, um real temor d'aquella grandeza extranha despertava a minha pequenez, o meu pensamento, as minhas idéas em nebulosa germinação — o que eram, em face da magestade e do mysterio que me cercavam?

Uma curva emfim, surgia; após ella uma clareira aberta . . .

Do coração da matta fronteira, metalico e extranho, o canto de uma araponga retinha, repercutindo longe — no insondavel das brenhas . . .

Do ultimo ramo da mais alta das arvores um passaro cor de fogo desferia o vôo destemido para o ninho distante . . . e minha alma de 9 annos imaginava já o Palacio Encantado desses Genios da Selva . . . Iria, talvez, transpor-lhe as portas d'aí a momentos . . .

Porém, novamente se apertava o caminho d'entre a vegetação luxuriante, seguindo ás vezes o curso caprichoso dos riachos, cujas aguas brancas e crespas cantavam em quejas e minúsculas cachoeiras, por entre lagos negros de granito lúzido.

Nos aereas brancos, sugando-lhes a lymphá crystalina, vivendo a vida imponderavel de flores aladas e semeilhando a alma silenciosa do ermo — bandos de borboletas claras erravam, em seus vôos leves e palpitanes.

Um ruido, ás vezes suspeito, traço de léra assignalado na estrada, o imponente silencio em derredor e a monotonia da marcha cautelosa . . . Uma parasita amarella que do alto d'um tronco embalava a floração mimosa; uma begonia cujos cachos cor de rosa ressaltavam brilhantes da folhagem brunida . . . Insectos, tão variados, abrigados nas

moitas, fazendo-se presentir apenas pela toada characteristic de suas cantilenas . . . Ninhos, tão altos suspensos, occultando vidas como a minhã!

Tudo aquillo tão longe . . . tudo aquillo tão bello, mas ignorado e em abandono . . . Porque?

Tão grande e mysterioso o mundo! Porque? E nós? quem era eu? Quem eramos nós, assim errantes, perdidos n'aquella jornada maravilhosa, n'aquella vida de encantamento?

Teria sido em nossa intenção, em nossa honra, para deleite de nossos olhos que Deus fez tão soberba a Selva?

E além, os Campos . . . Tudo tão grande, tão vasto, tão aberto e claro . . .

Desdobra-se a alma ingenua por sobre a paisagem derramava-se para lá das Serras distantes . . . abraçando-as, por assim dizer, na contemplação amiga e encantada; infiltrava-se no ermo das florestas, prescrutando-lhes o ruído de particular feição e na corrente profunda — sentia a palpitação latente do sempiterno Ignoto!

Um mundo de emoções diversas se sobrelevava do coração infantil maravilhado, agradecido, transbordante desse delicioso enternecimento — que é ao mesmo tempo adoração e ventura!

E assim, no decurso das pallidas horas de luar, a alma divaga pelo passado — como uma sombra, surge talvez lá nos ermos que recorda . . . fala aos desaparecidos, aos ausentes — e deixa elevar-se, como n'uma prece, estes murmúrios de dolente saudade!

Methodologia da Mathematica

A adição

Em todas as escolas primarias o ensino deve ser feito com o maior cuidado.

Sendo a mathematica a melhor escola do raciocinio, deve-nos inspirar uma attenção especial.

Por isso, tal ensino deve ser objectivo, tanto quanto possível, racional e graduado. A linguagem do professor não pôde deixar de ser comprehensivel; por isso é indispensavel que tenha cuidado de maneira a raciocinar com exactidão.

Assim praticando, de modo que os alumnos confiem mais na razão que na memoria, desenvolvendo bem as lições, tornando-as claras ás suas intelligencias, no fim de um curto prazo alcançará, incontestavelmente, resultado satisfatorio.

Quando se vai dar a primeira aula de mathematica, deve-se fazer antes um exame criterioso nas creanças, sobre o conhecimento que já têm das quantidades; apresentando-se-lhes diversas cousas, —lapis e palitos, por exemplo, pedirá o professor que lhe tragam 3, 5, 7, 8, 9 10 dessas cousas.

Em resumo: o professor habituará o alumno a ter uma idéa das quantidades. Este é o primeiro passo.

Conhecidas as quantidades, estas serão apresentadas no quadro negro.

Depois o alumno aprenderá, por si mesmo, que 3 mais 3 é igual a 6; que se tirarmos 3 de 5 restará 2; que 8 tem dois 4; que 9 tem tres 3.

Para que elle tenha uma idéa segura da numerção, deve saber o principio fundamental que nos diz: dez unidades de uma ordem, constituem uma unidade de ordem immediatamente superior.

Isso deve ser muito bem explicado de modo que no decorrer do ensino da numerção, não haja duvidas.

Para se conseguir isso, considera-se primeiramente a unidade que recebeu o nome especial de *um*. Si nós juntarmos a essa unidade uma outra, obteremos um numero que se chama dois (2). A esse numero assim formado, juntando-se outra unidade teremos o numero tres (3). Si continuarmos juntando a unidade aos numeros que se houver formado, ficaremos com os numeros 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Esses numeros chamam-se simples e formam a primeira ordem que é a *ordem das unidades*.

Reunindo-se uma unidade ao numero nove (9) obteremos o numero dez (10). Esse numero formará *um dez* ou uma dezena, ou a segunda ordem: logo, uma dezena compõe-se de *dez unidades*. Depois de 10 vem o numero 11, que quer dizer *um e dez*; em seguida vem o numero 12, que quer dizer *dois e dez*; depois 13, (tres e dez); 14, (quatro e dez); 15, (cinco e dez); 16, (dez e seis); 17, (dez e sete); 18, (dez e oito); 19, (dez e nove). Si ao numero 19, juntarmos uma unidade teremos o numero 20, ou uma vintena, que é igual a duas dezenas, visto uma dezena compor-se de dez unidades.

Uma vintena ou 20, com mais 10 unidades ou uma dezena, formará uma trintena ou tres dezenas, ou 30. Si a esse numero juntarmos sempre uma dezena, ficaremos com os numeros 40 (quatro dezenas); 50 (cinco dezenas); 60 (seis dezenas); 70 (sete dezenas); 80 (oito dezenas); 90 (nove dezenas)

O numero 90, com mais uma dezena, resultará o numero 100 ou uma centena, que vale dez 10, ou dez dezenas. A centena é pois a terceira ordem.

O ensino da numeração aos alunos de 1.º anno, limita-se á unidades, dezenas e centenas, podendo mais tarde ir até aos milhares.

Para melhor ser comprehendido o mechanismo das dezenas e centenas o professor arranjará dez grupos de dez taboinhas ou palitos, para que as creanças, por si, repitam a lição e verifiquem com os proprios olhos a verdade ensinada.

Conhecida a numeração, passa-se a ensinar a addição.

Sabido é que a creança já aprendeu a sommar mentalmente pequenas quantidades, taes como: $5+4$, $8+10$, $13+20+20$, $50+50+50$, etc. e bem assim acostumou-se a ler a carta de Parker, onde poude fazer mentalmente, todas as operações inscriptas.

Chegando a hora de ensinar a operação de sommar, procederá o professor do seguinte modo:

— Vocês sabem sommar $4+5$, $8+3$, $15+30$, $60+60$, $50+30$, de cabeça?

Somnam isso com uma certa rapidez, porque aprenderam na carta de Parker, e em virtude de repetidos exercicios.

Mas, si eu lhes der numeros maiores para serem sommados, por exemplo: $345+123+129$, voces sommariam tão depressa, como costumam fazer com pequenos numeros? — Certamente que não.

De que modo, pois, arranjar um meio de sommar numeros maiores?

Como ficou dito, todo numero é formado e pôde ser decomposto em unidades, dezenas, centenas, etc.. Pois bem, em virtude dessa decomposição é que voces podem aprender a sommar.

Mas em primeiro lugar, quero lhe fazer esta pergunta: si eu desse a voces um caixão cheio de laranjas, maçãs e goiabas, para me dizerem quantas fructas existem no caixão, como procederiam para dar a resposta?

Contariam primeiramente as laranjas, em seguida as maçãs e finalmente as goiabas e diriam: o caixão tinha tantas laranjas, tantas maçãs e tantos goiabas.

Pois bem, o mesmo aconteceria, si eu lhes desse diversos numeros para serem sommados; procederiam do mesmo modo, sommando em primeiro lugar o que?

— As unidades.

— Em seguida o que?

— As dezenas.

— E finalmente?

— As centenas.

O numero obtido, seria o resultado total, das unidades, dezenas e centenas dos numeros dados.

Tomemos um exemplo:

Vamos sommar 424, 183, 221 e 114.

— Quatro unidades, mais 3 unidades, mais 1 unidade, mais 4 unidades é igual a 12 unidades. Duas dezenas, mais 8 dezenas, mais 2 dezenas, mais 1 dezena são 13 dezenas. Quatro centenas, mais 1 centena, mais 2 centenas, mais 1 centena é igual a 8 centenas.

Collocando os numeros em ordem, temos:

	c	d	u
	4	2	4
	1	8	3
	2	2	1
	1	1	4
Somma . . .	8	13	12

Mas 12 dezenas compõe-se de 2 unidades e uma dezena; passa-se então essa dezena para a casa das dezenas ficando 14 dezenas; mas 14 dezenas formam 4 dezenas e uma centena. Deixa-se então as dezenas no lugar das dezenas, passando a centena para o seu lugar que sommada com 8 centenas existentes dará 9 centenas.

c d u

Assim temos: 9 3 2

Como vocês vão ler esse número?

Nove centenas é igual a 9 *cem* ou 9 centos; 3 dezenas é igual a 3 *dez*, ou uma trintaena ou, abreviadamente, trinta; e duas unidades.

Agora vocês poderão ler esse número da seguinte maneira: novecentas e trinta e duas unidades.

Aprenderam a sommar?

Viram bem que primeiro se sommam as unidades, depois as dezenas, depois as centenas?

Para facilitar a operação, os números devem ser collocados uns debaixo dos outros de maneira a formar a columna das unidades, a columna das dezenas e a columna das centenas.

Sem precisar dar aos números essa disposição, poderiam vocês sommar da mesma maneira, mais isso se tornaria mais difficil e daria lugar a confusão das unidades com as dezenas, as dezenas com as centenas, e assim por diante.

Agora que vocês já sabem o mecanismo da somma, quando forem reunir os números das unidades e quando estes excederem de dez deixarão as unidades no seu lugar, passando immediatamente as dezenas á columna das dezenas para a respectiva somma.

Do mesmo modo, as dezenas excedentes passarão para a casa das centenas e assim por diante até não haver mais columnas para sommar.

Citemos um exemplo.

Sejam os números: $138 + 432 + 365$.

Postos em ordem, ficam assim:

138
432
365
Somma . . . 935

Oito unidades, mais 2 unidades, mais 5 unidades são 15 unidades. Quinze unidades formam *uma dezena* e restam 5 unidades. *Uma dezena*, mais 3 dezenas, mais 3 dezenas, mais 6 dezenas é igual a 13 dezenas. Em 13 dezenas temos *uma centena* e restam 2 dezenas. *Uma centena*, mais 1 centena, mais 3 centenas, são 9 centenas.

Temos pois, 9 centenas, 3 dezenas e 5 unidades ou novecentos e trinta e cinco.

Compreenderam bem?

Respondam agora:

Em vez de sommarmos primeiro as unidades, depois as dezenas e as centenas, poderíamos sommar estas em primeiro lugar, depois as dezenas e em ultimo lugar as unidades?

— Poderíamos.

— Vamos então a esse caso.

Sejam os números 321, 237 e 642 para sommarmos:

3 2 1
2 3 7
6 4 2

Como resultado temos: $\frac{111010}{111010}$

Tres centenas, mais 2 centenas, mais 6 centenas são 11 centenas. Duas dezenas, mais 3 dezenas, mais 5 dezenas, são 10 dezenas. Uma unidade, mais 7 unidades, mais 2 unidades são 10 unidades.

Ora, 10 unidades formam perfeitamente uma dezena. *Essa dezena* irá então para a columna das dezenas, restando zero. *Uma centena*, mais 10 centenas são 11 centenas, que formam *uma centena* e sobra uma dezena. *Uma centena* mais 11 centenas são 12 centenas. Essas centenas formam 1 milhar e duas centenas.

Como vêm vocês, ha mais difficuldade em sommar primeiramente as centenas, depois as dezenas e unidades:

pois quando sommamos primeiro as unidades, as sobras juntam-se immediatamente a classe seguinte, o que não aconteceria se sommassemos em primeiro lugar as centenas.

E, pois, preferível sommar da direita para a esquerda, em 9 de Outubro de 1924.

Allyta Chaves. (Professoranda)

Como se deve ensinar a multiplicação

Em breve explicação exporei como se deve ensinar às crianças a conta de multiplicar.

Si eu tomo 8 laranjas, mais 8 laranjas, mais 8 laranjas, mais 8 laranjas, nada mais fiz do que repetir essas 8 laranjas quatro vezes, isto é, $8+8+8+8$ ou $8 \times 4 = 32$.

Antes, porém, devo admitir que os alumnos já sabiam a numeração e, portanto, que tenham os conhecimentos preliminares:

Que 10 unidades de uma ordem formam uma unidade de ordem immediatamente superior;

Que de 1 até 9 temos unidades, constituindo assim a classe das unidades; que 10 é uma dezena; que dois 10 são duas dezenas ou 20 unidades, e assim por diante até as 9 dezenas ou 90 unidades.

Depois das dezenas que vão até 90, vêm as centenas, pois $99+1=100$ ou uma centena; e assim, gradativamente, vamos explicando a formação dos milhares, milhões, etc.

Deduzimos, então, que os numeros podem ser compostos de unidades, dezenas, centenas, milhares, etc., segundo os algarismos que os compõem. Além disso, antecipadamente já lhes foi explicado, no ensino da somma, que se reúnem as unidades com as unidades, as dezenas com as dezenas, as centenas com as centenas, etc.

Tratando-se do ensino da multiplicação, observamos que temos de obter para resultado um total que represente a repetição do numero dado tantas vezes quantas forem as unidades do outro. Assim sendo, multiplicar o numero 245 por 36, é o mesmo que repetir 245, 36 vezes.

Diremos, pois, á classe:

—Vamos repetir o numero 245, 36 vezes. Como devemos fazer?

Si em primeiro lugar repetirmos o numero 245, 6 vezes e depois 30 vezes ou 3 dezenas de vezes, conseguiremos o resultado desejado.

Será preciso mais alguma operação?

—Sommaremos depois o resultado da multiplicação de 6, com o resultado da multiplicação de 30, e teremos o resultado da multiplicação total.

—Mas como fazer a multiplicação por 6?

Si na somma, sommamos todas as unidades, depois as dezenas, depois as centenas, etc., como devemos proceder para repetir 245 6 vezes?

—Repetindo seis vezes as unidades, seis vezes as dezenas e seis vezes as centenas.

Vejamos:

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 6 \\ \hline 1224,30 \end{array}$$

Lemos como resultado, 12 centenas, 24 dezenas e 30 unidades.

Reduzindo as unidades á dezenas, as dezenas á centenas e as centenas á milhares, temos:

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 6 \\ \hline 1,470 \end{array}$$

Pois, 30 unidades compõe-se de zero unidades e 3 dezenas, que com as 24 dezenas obtidas formam 27 dezenas; 27 dezenas podem ser decompostas em 7 dezenas e 2 centenas, que com as 12 centenas encontradas, dão 14 centenas, e, portanto, 1.470 para resultado.

Faíta-nos, agora, repetir 245, 3 dezenas de vezes ou 30 unidades de vezes.

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 30 \\ \hline \end{array}$$

Tres dezenas vezes cinco unidades, dá 15 dezenas; tres dezenas vezes quatro dezenas, dá 12 centenas, e isso porque dezenas multiplicadas por dezenas, dá centenas (uma dezena por uma dezena, que é o mesmo que 10 · 10 = 100 ou uma centena).

Tres dezenas por duas centenas, dá 6 milhares, pois tres dezenas por centenas dá milhar (uma dezena, ou 10, por uma centena, ou 100, dá 1.000, ou um milhar).

Desse modo, o resultado é o seguinte:

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 30 \\ \hline 6.12.150 \end{array}$$

Seis milhares, 12 centenas, 15 dezenas e zero unidades.

Passando-se as dezenas para a columna das centenas, e as centenas para a dos milhares, vem:

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 30 \\ \hline 7.350 \end{array}$$

Pois, 15 dezenas podem ser decompostas em 5 dezenas e 1 centena, que, com as 12 centenas obtidas, dão 13 centenas; essas treze centenas, por sua vez, podem ser decompostas em 3 centenas e 1 milhar, que, com os 6 milhares que obtivemos, dão 7 milhares, portanto, é este o resultado: 7.350.

Sommando-se agora os dois resultados, temos:

$$\begin{array}{r} 245 \\ \times 36 \\ \hline 1470 \\ 7350 \\ \hline 8820 \end{array}$$

Quando repetimos 245 seis vezes, nada mais fizemos do que sommar seis vezes 5 unidades, 4 dezenas e 2 centenas, portanto, o resultado se compõe de unidades, dezenas e centenas.

Da mesma forma, quando repetimos 245 tres dezenas de vezes, somamos tres dezenas de vezes 5 unidades, 4 dezenas e 2 centenas, e assim o resultado se forma de unidades, dezenas e centenas.

É evidente que si quizermos a somma total desses dois productos obtidos (1.470 e 7.350) precisamos reunil-os para termos o que desejamos. Assim sendo, essas sommas, que são os respectivos productos de 245 por 6 e por 3, chamam-se *productos parciaes*, e a somma desses productos parciaes damos o nome de *producto total*, pois que representa a somma total dos dois resultados 1.470 e 7.350.

Como já sabemos o nome do resultado da multiplicação, precisamos tambem dar nome aos numeros que formam esse resultado. Assim, o numero 245 chama-se *multiplicando*, porque é o multiplicado por 36, 36 é o *multiplicador*, que por si só nos explica ser o numero que multiplica o outro.

Alcely Alves,
Professoranda.



PEDAGOGIA

Conceitos de Alfredo Binet, do seu livro—*Ideias Modernas*.
Tradução de Iracema Espírito Santo.

Iniciando este livro eu me propunha examinar si a introdução, na pedagogia, de pesquisas não só experimentaes mas rigorosamente scientificas—seria um beneficio para a mesma, si os methodos de ensino se tornariam melhores, si a arte de conhecer as aptidões da creança seria aperfeiçoada.

O assumpto não é do dominio da sciencia pura, está entre factos da vida real. As escolas existem, estão repletas de creanças, é todo um organismo que funciona ha centenas de annos; ha funcionarios, uma hierarchia, posições definidas, tradições, interesses individuaes e uma como que especie de dogmas.

Todo o conjunto tem tendencias á permanencia, a resistir, lutando contra as mudanças, mesmo quando essas mudanças representam progressos.

Portanto as pesquisas da pedagogia experimental que actualmente se procedem, devem ser consideradas não somente em si mesmas, mas relativamente ás intuições que visam modificar.

A antiga pedagogia, ou para melhor dizer, a pedagogia que actualmente ainda domina o ensino, teve uma origem, sobretudo empirica. Foi ensinando que os mestres

fizeram uteis observações pessoais de que tiraram proveito para modificar o seu trabalho, mas, observações que, na maior parte, têm sido esquecidas, ficando apenas certas regras de conducta, alguns usos e hábitos. Assim foi que surgiram os methodos, que se compuzeram os programmas—sempre com grande respeito á tradição.

O que de melhor se pôde dizer destas praticas é que ellas se estabeleceram para resolver questões essenciaes, que ficaram sempre em contacto com a existencia positiva e que, em resumo, prestaram grandes serviços. Pode-se comparal-as a uma velha carriola que range, mas enfim, caminha á passos lentos.

De tempos a tempos, sob a pressão da necessidade, ou por inspiração de um educador intelligente,—produzem-se reformas, vagas mudanças de orientação e até por vezes se dão excellentes innovações como aquellas de que a America nos dá mostra, nas suas escolas profissionais. Porém, o defeito geral destas tentativas é o seu empirismo, sem verificação—porque nunca se pensou fazer estas experiencias de confronto com provas, o que se torna indispensavel para estabelecer um facto scientifico.

Foi este defeito constante de methodo que inspirou a um psychologo a asserção muito justa que, em pedagogia; tudo foi dito, nada provado.

Este empirismo geral não impede que a pedagogia de que tratamos não tenha sua theoria, sua doutrina; mas, é uma doutrina vaga e puramente litteraria, uma reunião de phrases ócas, cuja critica é impossivel—tão vacillante é a ideia; não é bastante precisa, é pouco concludente.

Contra esta pedagogia, para destrui-la e substitui-la, tem surgido ha uns trinta annos muitos innovadores que são ou se dizem ser inspirados do espirito scientifico. Appaem em toda parte; alguns na Franca, na Italia, na Inglaterra, mais na Alemanha e, sobretudo na America. Em terra, mais na Alemanha e, sobretudo na America. Emprehenderam relatar a pedagogia sobre bases novas, bases scientificas. Agem de accordo com a observação e a experiencia. Seus trabalhos se executam, seja nos inqueritos

por questionários, seja nos laboratórios das Faculdades e também, mas raramente, nos collegios, lyceus e escolas. O programma que se propõe realisar é extremamente vasto. De um lado querem a organização do ensino, de outro — collocar em primeiro plano a psychologia da creança e d'ahi deduzir, com precisão mathematica, todo o ensino de que ella é susceptivel.

Taes promessas tem despertado a curiosidade dos educadores: porém, os que quizeram conhecer, analysar, comprehender a obra da nova sciencia têm ficado um pouco desiludidos, porque só se lhes deparam trabalhos technicos, de aspecto duro, de conclusões bastante parciais e muitas vezes de interesse mediocre e alcance muito contestavel. Não passam de fragmentos esparços, isolados, desmembrados.

E os educadores ficaram surpresos vendo que, mesmo que se compenetrassem de todas estas experiencias, não tirariam proveito algum e nenhuma applicação pratica na maneira pela qual dão aulas.

Os pedagogistas, pelo menos aquelles que se inteiraram da attitude desenganada dos preceptores, baldamente lhes dizem: "espere! dae-nos tempo; estamos apenas em começo". Parece que tal começo não é, entretanto, muito promissor.

Falei da antiga pedagogia como d'um vehiculo fora da moda, mas, podendo ainda prestar serviços. A pedagogia tem a apparencia de uma machina de precisão, de uma locomotiva mysteriosa, brilhante, complicada e que no primeiro momento causa impressão; porém, as peças não se sustêm entre si e a machina tem um defeito — não caminha.

Procurei, neste livro, não conciliar os dois systemas oppositos, mas determinar meu caminho entre elles.

Parece-me que a um e outro pôde se fazer critica e reconhecer vantagens.

A antiga pedagogia é muito generalisadora, muito vaga, litteraria, moralisadora e prolixa. Detesto o discurso

enladonho e o sermão; acho-os inefficazes, fastidiosos, exaustivos processos, a pedagogia antiga prestou serviços, teve a visão directa dos problemas que se impõem, envolveu-se na vida das escolas e não se enganou, insistindo sobre tudo o que mais interessa, na educação. Guardemos, della, pelo menos, a sua orientação e o seu gosto pelos problemas praticos. Demais, os methodos modernos da pedagogia são averiguações, experiencias secas, atanhadas, parciais, muitas vezes inuteis, imaginadas por gente de laboratorio que parece não ter a comprehensão do que seja a escola e a vida e nunca ter feito conhecimento de ambiente menos theorico, que o do seu laboratorio. Mas, taes methodos são a experiencia, a verificação, a precisão e a verdade.

Parece-nos facil conciliar estas duas tendencias, pedindo a antiga e a nova pedagogia, serviços diferentes. A primeira nos fornece os problemas para estudar e a nova pedagogia nos dá os processos de estudo.

De conformidade com este ponto de vista, creio que já é possível introduzir, na materia, um certo numero de reformas uteis.

Quer se saber qual a somma de conhecimentos de uma creança, ou apprehender o grão de sua instrução? Deseja-se saber si o ensino ministrado por um professor é tão effizaz quanto o ministrado por outros? Quer se conhecer o valor de algum novo processo e a sua effizienz? E' mister conciliar as opiniões contrarias de um professor e do respectivo inspector? Ter-se-á que recorrer ao methodo de medidas organisadas por Vanev.

E, para se conhecer o valor physico de uma creança? Suppõe-se nella um desenvolvimento corporal superior ao da sua idade e saúde precaria? Será necessario levar em conta taes elementos para as lições de gymnastica, exercicios de sport, os jogos, a assistencia escolar, para pretexto de uma diminuição de trabalho em aula e, então, para reclamar uma intervenção medica? Vimos como é preciso agir, qual a marcha a seguir e as medidas, principaes, a tomar.

Trata-se de examinar os órgãos dos sentidos? Facto importante, porque as creanças cujos defeitos visuaes e auditivos não são constatados, soffrem um atrazo muito prejudicial nos estudos. Tranquilizámos o professor precipitado em alarmar-se pela sua incompetencia e demonstrámos-lhe que é possível dividir os exames sensoriaes em duas partes, das quaes, uma, de natureza pedagogica, deve lhe ser confiada.

Para a apreciação da intelligencia do estudante, dissemos dentre quantas circumstancias complicadas e enganosas temos que formular uma opinião e de quantos se torna necessario um methodo de medida.

Expusemos este methodo, que é um instrumento precioso, quando seja maneado com bastante tacto e intelligencia.

A proposito affirmamos que existe uma educação da intelligencia, isto é, um meio de amplial-a e que este meio não consiste em lições oraes, porém, em exercicios de desenvolvimento espirital, constituindo o que chamamos de uma *orthopedia mental*.

Em seguida occupamo-nos da memoria, porque ella é uma das bases da instrução e attinge, na creança, o maximo de desenvolvimento. O professor deve conhecer a capacidade de memoria de cada alumno, para não sobrecarregal-a e, sobretudo, para não distribuir, a torto e a direito, recompensas e punições não merecidas. Demonstramos que a memoria se mede, em uma experiencia collectiva e com a mesma facilidade com que se verifica a acuidade visual.

Depois de algumas palavras sobre o estudo e a cura das illusões da memoria, que são, em grande parte, erros de apreciação, dissemos que a distincção dos estudantes, em visuaes, auditivos e motores, no estado actual dos nossos conhecimentos não apresenta garantia de exatidão e, portanto, tambem nenhum interesse. Terminamos traçando um programma de educação da memoria, porquanto esta pode ser desenvolvida, como a intelligencia, por meio de exercicios methodicos. Insistimos, principalmente, sobre a neces-

sidade de exercicios graduados e provámos, por observações — que erros se commettem, abandonando este methodo.

O capitulo das aptidões da infancia foi apenas esboçado; as questões das correlações ainda são mal conhecidas, pertencem á sciencia de amanhã. Limitamo-nos a reclamar, para as creanças que não tem exito nos themas litterarios o accesso aos trabalhos manuaes, aos quaes, com tanta razão se attribue hoje um grande valor educativo. Sempre que uma creança é das ultimas, na classe, se deveria examinar qual a sua aptidão n'uma officina.

Um ultimo capitulo sobre a educação moral e a pedagogia, permitiu, demonstrassemos, uma representação em conjunto — a variedade de processos de que dispõe um educador para agir sobre a creança. A obra de amanhã consistira em estabelecer relações entre os diferentes caracteres da juventude e os meios, os mais apropriados á cada um dos caracteres typicos.

Graças a todos estes ensaios, conseguimos tornar mais preciso, mais pratico, mais util o conhecimento da infancia. Aquelles que se convenceram desses methodos, tiram delles a vantagem de se poupar alguns erros, de modificar alguns preconceitos, de fixar a attenção sobre algo de decisivo ou de saber, com precisão, o que se torna necessario fazer para chegar a uma apreciação exacta.

Considerada sob este ponto de vista, a pedagogia deixa de ser uma arte obsoleta e profundamente fastidiosa. Permite nos inclinarmos, mais de perto, sobre as almas dos nossos filhos, começa a ensinar-nos como devemos agir para lhes assegurar a educação da memoria, do discernimento e da vontade. Ella não é util somente á creança — mas tambem a nós; fazendo um exame retrospectivo sobre nós mesmos, sobre as nossas entetmidades e fraquezas, vemos quanto lucrariamos empregando aquelles methodos. Isto deveria constituir o cuidado daquelles que procuram introduzir um pouco de intelligencia e de arte na administração de sua existencia. Deveria constituir o empenho d'aquelles que se responsabilizam pelos poderes publicos e que, ao envez

de se preocuparem demasiadamente com a sciencia, o bem-estar e a industria material, deveriam compenetrarem-se de que é tão importante, mais importante talvez, velar sobre a boa direcção e organisação da força moral — porque é a força moral que dirige o mundo.

METHODOLOGIA DA HISTORIA

Descobrimto do Brasil. — Lição para alumnos do 3.º anno

A historia que vou narrar-vos não é um conto de fadas como pensam talvez os meninos, e sim, um verdadeiro e interessante acontecimento que se deu ha muitos annos atraz, quando ainda os paes de nossos avós não eram nascidos.

Os meninos talvez sabiam, que o numero de milhões de homens que povoam a superficie da terra, classificam-se e se denominam segundo a região que habitam. Assim, os habitantes do Brasil chamam-se brasileiros; os da França, francezes; os da Allemanha, allemães; os da Inglaterra, inglezes; e como tambem os da Italia, italianos; portuguezes, os que habitam Portugal, etc.

Todas essas diferentes raças de que se compõe a humanidade, principalmente a americana de que o brasileiro faz parte, acham-se fundidas em diversos typos. Assim o brasileiro vem a ser um mixto de tres raças diferentes: o indigena, o portuguez e o africano.

A raça brasileira não existia antes do Brasil ser descoberto; era elle então habitado por homens selvagens, que depois de conhecidos, foram chamados indios, por serem parecidos com os habitantes da India.

Antes de vos fallar sobre estes indios, tenho mais cousas a vos contar.

Quando ainda não era conhecido o Continente Americano chamado tambem Novo Mundo, o homem civilizado apenas conhecia tres regiões: Asia, Europa e Africa, que como sabeis formam o continente antigo. Em poucas palavras farei o possivel para vos dar uma idea sobre cada uma dessas regiões.

A Africa, que vedes representada ahi nesse mappa mundi, é banhada em todo seu redor por uma vastidão de agua e liga-se á Asia, apenas pelo istmo de Suez.

Essa terra é conhecida pelos grandes desertos; é séde dos animaes lerozes e de reptis venenosos, bem como thesouro de mineraes preciosos.

Era ignorada pelos europeus, até fins do seculo XV, que apenas conheciam a faixa do Mediterraneo.

D'ahi em diante foi explorada em todo o seu contorno, ficando ainda partes do interior do seu solo, desconhecidas.

A Asia, essa massa de terra immensa, é a mais vasta e compacta região do Universo. O seu reino vegetal nos mostra uma pompa e magnificencia inacreditaveis. A sua flora é de tão rara belleza que nos faz acreditar ter sido lá o jardim do Paraizo de nossos primeiros paes.

Foi ahi que se encontraram os primeiros povos civilizados do mundo.

Chamavam-se: assyrios, babilonios, indús, phenicios, persas, etc.

Depois esta civilisação passou para o Egypto, terra da Africa, e depois á Grecia, na Europa; desta então para o imperio Romano e d'ahi se irradiou por todo o continente europeu.

Este continente foi aperfeicoando a civilisação que recebera, tornando-se superior aos demais continentes então civilizados.

Até o seculo XV, os mares eram desconhecidos, de Vido ás imperfeitas embarcações que só percorriam o Mediterraneo e as costas da Europa.

Dahi por diante os portuguezes, hespanhóis e italianos muito se distinguiram aperfeiçoando os seus navios.

Portugal tornou-se nação poderosa, e além de outras regiões possuía o Indostão, terra de immensas riquezas; e com as Indias era o seu maior commercio. Mas difficilissima era essa viagem.

Atravessavam elles o Mediterraneo até alcançar as proximidades do istmo de Suez; chegados á Asia, formavam grandes caravanas afim de ganhar o seu territorio até as Indias (linha n.º 1 representada no mappa). Não havia então essas vias de communicações de estradas de ferro, que tanto facilitam uma viagem por mais longa que seja.

D. João II era, nesse tempo, rei de Portugal. Fazia elle o possível, afim de descobrir outro caminho, que fosse menos penoso, directamente ás Indias.

Nesse interim nasce em Genova Christovam Colombo, elevado genio para a navegação. Após estudos serios e repetidas viagens, adquirio vastos conhecimentos que o persuadiram da redondeza da terra; concebeu o plano de chegar até as Indias, navegando pelo Atlantico em direcção ao Poente. Sendo pobre, recorreu á sua patria e á diversas nações, que lhe recusaram auxilios; foi ouvido pelos reis da Hespanha que lhe proporcionaram recursos para esta viagem.

No dia 3 de Agosto de 1492, partia de Palos a pequena expedição de tres navios: Santa Maria, Pinta e Nina.

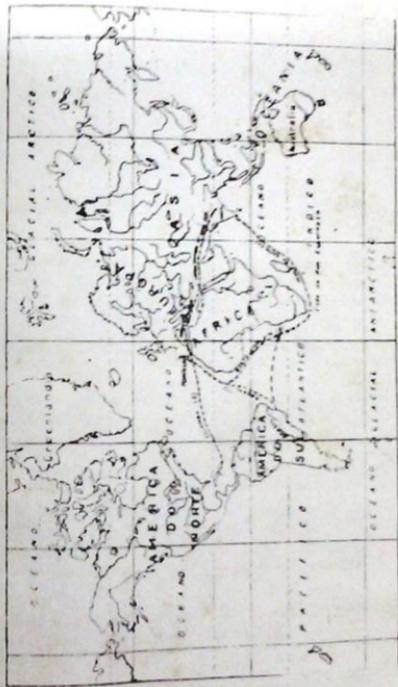
Seguinto o rumo representado no mappa pela linha n.º 2, Colombo foi descobrir as Antilhas, ilhas da America. Eram as primeiras terras que se tocava, do hemispherio novo; isto aconteceu a 12 de Outubro de 1492.

Uma grande parte do Continente Americano descobriu-se depois de viagens que succederam á primeira.

O successo da expedição de Colombo produziu na Europa grande impressão e alvoroço geral.

As diferentes nações, maravilhadas ante a fortuna da Hespanha, tiveram logo impetus de seguir-lhe o caminho na conquista dos mares.

PLANISPHERIO
MOSTRANDO O TRAJADO DAS VIAGENS DE
COLOMBO, VASCO DA GAMA E CABRAL



Como vimos, a grandeza marítima de Portugal era muito desenvolvida e teve a sua origem na escola de Sagres, fundada por D. Henrique, rei de Portugal.

E foi Portugal, de todas as nações da Europa, a que mais invejou a sorte da Hespanha, pois tinha se dedicado com todo o ardor a desvendar os mares afim de, por meios facéis, ir ter ás Indias.

Bartholomeu Dias consegue passar o cabo das Tormentas; assim chamado pelos infortunios e naufragios que ahi se davam, quando por elle tentavam passar. Descoberto este caminho, Bartholomeu não chega ás Indias. O Cabo Tormentoso tomou, então, o nome de Cabo da Boa Esperança.

O rei mandou preparar uma grande expedição destinada a completar no Oriente a obra já iniciada. E Vasco da Gama, em 1497, foi ter finalmente ás Indias, navegando na direcção da linha representada no mappa pelo n.º 5.

Chegando a noticia desta victoria a Portugal, o rei concebeu novos planos.

Desejando assegurar o commercio das Indias, mandou preparar uma armada, a maior de todas que até então haviam sahido do Tejo.

Esta expedição foi confiada a Pedro Alvares Cabral.

No dia 8 de Março de 1500 assistio Cabral, juntamente com o rei D. Manoel a uma missa solemne, recebendo depois da cerimonia o estandarte real. Então, na companhia de toda a Córte e do proprio rei, na manhã seguinte, seguiu até o caes, partindo Cabral rumo ás Indias.

A frota tomou a direcção do Sul, como de costume, evitando as costas da Africa, onde costumava haver calmarias. (falta de vento)

No dia 22 de Abril de 1500, Cabral avistou um monte á que deu o nome de monte Paschoal, e logo apoz descobrio toda a sombra da costa que se alongava no horizonte.

Era o dia da Paschoa, motivo pelo qual recebeu o monte o nome acima mencionado. (este rumo seguido por Cabral está representado pela linha n.º 5.)

A 24 navegou cerca de 10 leguas, pela costa, dirigindo-se ao Norte e foi lançar ferro em uma Bahía que recebeu o nome de Porto Seguro. Ahi frei Henrique de Coimbra celebrou duas missas: uma no dia 26, Domingo, numa ilha do Porto; outra em terra firme, no dia 1.º de Maio, ao pé de uma grande cruz, propositadamente erguida. Cabral tomou posse da nova terra em nome da coroa de Portugal.

Suppoz elle que a nova terra fosse uma ilha e poz-lhe então o nome de Vera Cruz; logo mudaram esse nome pelo de Santa Cruz.

O nome de Brasil principiou a ser usado mais tarde devido á abundancia do *pau brasil*, madeira tintorial, que era naquelle tempo importante para o commercio.

Ahi teades, meninos, o resumo deste descobrimento.

Resta-me contar-vos ainda, que Cabral não ficou aqui residindo, e sim, continuou a sua viagem para as Indias, mandando um emissario á Lisboa, a fim de levar a noticia deste grande acontecimento.

Este continente da nossa patria, que por um accidente feliz foi encontrado sobre os mares, não estava deshabitado.

Eram senhores deste solo fertilissimo e destes rios caudalosos que o banham, homens geralmente de cor bronzeada, sympathicos de feição, fortes e graciosos de talhe.

E como representassem typos mais ou menos semelhantes ao dos indios, foram chamados indios.

Andavam nus e no labio inferior traziam cravado um pedaço de osso, como ornamento, sem que isso lhes causasse incommodos, porque comiam e bebiam com desembarago.

Alguns usavam pintar o corpo, ou enfeit-o de bellas plumas; os seus cabellos, lisos e negros, usavam-n'os em tranças, raspando-os porém, um pouco acima das orelhas.

Eram muito bons, affeitos á hospitalidade e receberam os portuguezes com grandes mostras de alegria, julgando que apenas elles tivessem vindo aqui para visitá-os.

Viviam de caça e pesca, servindo-se de habes estratagemas para apanhar os animaes vivos. Não se descuidavam da agricultura. Fabricavam bebidas extrahidas de diversos vegetaes.

Dedicavam ás armas particular cuidado; tinham o *tacape*, a *clava* a *lança* e a *flexa* que eram armas poderosas.

Gostavam da musica; os seus instrumentos predilectos eram: o *maracá*, o *boré*, a *imbúa*, etc.

Tinham crenças e superstições. Acreditavam num Deus creador, a quem chamavam Tupan.

Movidos pelo desejo de vingança, atacavam as outras tribus; sendo estas em numero de varias centenas. Distribuiam-se por diversas aldeias, que se chamavam *tabas*, fechadas por uma cerca de pau a pique.

As tabas constavam de varios ranchos que se chamavam *ócas*, dispostas em torno de uma praça ou terreiro a que davam o nome de *Ocara*.

As tabas abandonadas eram chamadas *tapéras*.

Havia entre os indios uns *pagés* que eram os sacerdotes, a quem obedeciam.

A forma de governo era a patriarchal. O patriarcha era chefe electivo que tinha em tempo de guerra auctoridade absoluta.

A lei era interpretada de conformidade com seus usos e costumes.

Si incendavam a taba inimiga, si devoravam os prisioneiros, principalmente os valorosos, que mostravam a sua coragem ante a medonha morte que lhes preparavam, era porque o espirito exaltado de vingança constituia a verdadeira crença do selvagem.

E si muitas revoltas surgiram entre os portugueses e os selvícolas foi sómente porque aquelles queriam assephorear-se da terra, da qual, até allí, só elles tinham sido senhores, obrigando-os a servir-os.

Não fóra um benemerito padre, Anchieta, e outros muitos missionarios que catechisaram os indios e aos poucos foram civilizando, e teriam os portugueses, em vez dos negros, servindo de escravos os proprios indios.

Sim, muitos esforços empregou o nobre e santo Anchieta e muito luctou em favor dos pobres indios.

VICTORIA DEL GAUDIO GRASSI.

(professoranda).

SORBITO

Eu vi dos polos o gigante alado,
Sobre um montão de pallolos coriscos,
Sem fazer caso dos bulhões ariscos,
Devorando em silencio a mão do fado.

Cinco fatias de tufão gelado,
Figuravam na mesa entre os petiscos.
Envolto em crepe de fatias rabiscos,
Campeava o sophisma ensanguentado.

Quem és? Que assim me cercas de episodios?
Lhe perguntei com voz de syllogismo.
Brandindo um facho de trovões serodios.

Eu sou, me disse, aquelle anachronismo
Que a vil caterva de sulphurios odios,
Nas trevas sepultei de um solecismo.

Bernade Quimaraes



Independencia do Brasil

Para alumnos dos 2.^o e 3.^o annos

Vou hoje explicar a vocês quando, e como se deu a independencia de nossa Patria.

Já viram vocês em aulas passadas, os factos que se succederam no Brasil, desde a epocha de sua descoberta, até a epocha anterior á sua independencia. Como sabem, ha muitos seculos, quando ainda não havia sido descoberta a America, na Europa, Portugal era o paiz que mais ousados navegadores possuia. A Hespanha tambem tinha navegantes intrepidos, um dos quaes, Christovam Colombo, que descobriu a America. Sabem tambem que Bartholomeu Dias descobriu o cabo das Tormentas, ao Sul da Africa, quando procurava o caminho para as Indias, caminho esse que iria facilitar o commercio entre Portugal e essas terras distantes. Antes disso o commercio de Portugal com as Indias fazia-se pelo Mediterraneo, que vocês estão vendo no mappa. Depois do percurso maritimo havia que atravessar milhares de leguas a cavallo, por lugares difficeis, e isso porque o Isthmo de Suez impedia a passagem para o Oceano Indico. Foi então que, procurando facilitar a viagem ás Indias, navegadores foram mandados ao longo da costa da Africa, com o fim de descobrir um caminho por mar, que os levasse ao Oceano Indico. Diversos navegantes foram mal succedidos nessa empresa, até que Bartholomeu Dias conseguiu chegar ao extremo sul da Africa e penetrar em aguas do Oceano Indico.

Deram, ao cabo descoberto, o nome de Cabo da Boa Esperança, porque, na realidade, era uma boa esperan-

ca que surgia para os grandes e arrojados conquistadores Vasco da Gama foi então incumbido de passar o cabo da Boa Esperança; conseguiu seu fim, e, transpondo-o, descobriu, finalmente, o tão almejado caminho para as Índias.

Uma esquadra, maior ainda que as anteriores, sob o commando do almirante Pedro Alvares Cabral, partiu do Tejo, com destino ás Índias.

Ao passar em certo ponto das costas da Africa, afastou-se para evitar as calmarias e descobriu terra. Essa terra, como sabem os meninos, era a que, mais tarde, havia de ser o nosso berço natal -- o Brasil. Como essa descoberta pertencesse a um portuguez, ficou o Brasil sob a tutella de Portugal, que logo tratou de povoal-o.

Com a povoação do Brasil, os filhos de portuguezes, com africanos e indios, iam formando uma nova raça, que é a nossa; mais tarde enriquecida com o concurso de italianos, hespanhoes, francezes, allemães e polacos. Este novo povo que surgia, guiado pelo instincto de liberdade, e tambem pelos conselhos dos jesuitas, almejava a sua independencia. Queriam tambem os representantes da nova raça, que no Brasil, só existissem brasileiros. O facto, de não consentirem elles, em absoluto, a permanencia dos hollandezes no seu torrão natal, não pode ser attribuido á religião adoptada por essa gente, e sim á ancía que tinham de varrer do Brasil tudo que não fosse brasileiro.

Resumindo, finalmente, a nossa ultima aula, vêm vocês que as ideas de independencia se concretisaram todas em um grupo de homens de destaque, e, acima de tudo, no grande Tiradentes, o proto-martyr da independencia. Viram o mallogro que soffreu essa conspiração e o triste fim de Tiradentes.

Feito este resumo, vou, agora, narrar os principaes factos que motivaram o grito, que tornou o Brasil um paiz livre.

Nesse tempo, Dona Maria 1.^a a mesma que mandou enforcar Tiradentes, occupava o throno de Portugal.

Havendo a rainha ficado louca -- passou o governo ao príncipe D. João, seu filho, que era o herdeiro.

Havia, nessa mesma época, na Europa, o grande general Napoleão Bonaparte, Imperador da Franca, que impunha ás nações europeas suas vontades. Pois bem, esse general estava em guerra com a Inglaterra, por isso ordenou que todos os portos europeus fossem fechados a essa nação; de maneira que nenhum vapor inglez poderia aportar em aguas de outros paizes. Portugal não quiz fechar seus portos, porque era aliado da Inglaterra. Bastou isso para que Napoleão, despeitado, mandasse invadir Portugal por tropas francezas ao mando de Junot, um seu general, e num gesto furioso riscou Portugal do mappa das nações.

Quando o príncipe regente, D. João, soube disso, embacou as pressas para o Brasil, com todo o pessoal da casa real: fidalgos, ministros, damas, criados, etc. e todas as riquezas que poude levar. O povo, no caos, chorava, vendo o príncipe partir.

Para proteger a frota real, vieram alguns vasos de guerra inglezes, partindo tudo isso do Tejo aos 29 de Novembro de 1807. Chegou D. João á Bahia, a 21 de Janeiro de 1808. Façam ideia do entusiasmo, do jubilo, com que foi recebido, pois si era a primeira vez que um príncipe pisava o sólo do Brasil!

E a Bahia, que já tinha sido Capital do Brasil colonial, pensou logo que ahí é que seria estabelecida a séde do novo reino. D. João, porém, preferiu o Rio de Janeiro. Foi recebido com enthusiasmo delirante.

Aqui, é preciso que vocês saibam, que jamais consentiu Portugal que os portos do Brasil fossem abertos ás nações amigas, de maneira que elles, os portuguezes, reservavam para si o direito de negociar no Brasil. Pois bem, D. João, quando ainda estava na Bahia, mandou, a conselho do Visconde de Cayrú, abrir os portos do Brasil a todas as nações amigas; quer dizer que o Brasil podia commerciar com todo e qualquer paiz. Publicou, em seguida, um manifesto contra a Franca, no qual dizia: "A Córte portugueza levanta

tará a voz do seio do novo imperio que vai crear." Mandou, então, invadir a Goyana franceza, situada ao norte do Brasil.

Com a vinda de D. João para cá, o Brasil começou a progredir; fabricas e officinas abriram-se, o commercio tornou-se livre. No Rio de Janeiro foram fundados Bancos, escolas de Medicina, de Marinha, de Bellas Artes, a Bibliotheca Real, o jardim botânico e outras instituições magnificas. Emfim, o Brasil lucrou com a vinda da familia real, apezar de os brasileiros estarem um tanto contrariados com os que faziam parte do sequito real; pois elles eram obrigados a evacuar suas proprias casas para alojar os fidalgos. Corria o anno de 1820. Enquanto tudo isso se dava no Brasil, rompeu uma revolução em Portugal e o povo de la proclamou uma constituição semelhante á da Hespanha.

D. João, accedendo o conselho de seus ministros, resolveu voltar para Portugal, deixando seu filho D. Pedro como principe regente do Brasil.

D. Pedro era casado com Dona Leopoldina Carolina Josépha, filha do imperador da Austria.

Com a sahida de D. João VI, os brasileiros sentiram nascer-lhe a esperanza de que em breve seriam livres, porque D. Pedro lhes tinha amizade e lhes éra sympathico. Os portuguezes começaram logo a notar que se iam estabelecendo entre o povo brasileiro e o principe certas correntes que, viriam, algum dia, roubar-lhes o poder de que gosavam, com o dominio de Portugal sobre o Brasil. Dahi as luctas que, entre brasileiros e portuguezes, surgiam a todo o instante, principalmente nas provincias de S. Paulo e Minas Geraes.

Estavam as coisas nesse pé, quando em Lisboa assentaram as bases da constituição para ser jurada no Brasil. D. Pedro tentou retardar o juramento, o que não o conseguiu. Mais tarde foi obrigado pelos portuguezes a não só effectuar o juramento, como a trocar o ministerio por outro que mais os agradasse. Como se isso não bastasse para contrariar o principe, chega uma lei de Metropole declarando todas as provincias do Brasil sujeitas ao governo portuguez.

Mais se indignou o povo brasileiro e mais se contrariou o principe ao receber novos decretos supprimindo os maiores tribunales do Rio, e ordenando ao principe que fosse viajar pela Europa, pois que precisava completar sua educação. A vista disso, os brasileiros enviaram a D. Pedro uma representação, pedindo-lhe que ficasse.

O principe mandou então declarar ao povo, que, "como era para bem de todos e felicidade geral da nação, ficava". Esta resposta equivalia a uma alliança formado com os brasileiros, e a independencia estava eminente.

D. Pedro demittiu, em seguida, o ministerio que fóra obrigado a organizar, e nomeou José Bonifacio de Andrada e Silva ministro dos negocios do reino e estrangeiro. Nomeou tambem Antonio Carlos de Andrada e Silva, irmão de José Bonifacio, ministro da Fazenda.

Logo depois succederam-se luctas em diversos pontos do paiz. Havendo D. Pedro recebido noticias de que em S. Paulo a situação estava se tornando alarmante, para lá se dirigiu, percorrendo todas as cidade do trajecto e sendo em todas recebido com alegria.

Em S. Paulo, principalmente, foi aclamado delirantemente; com muitas festas, vivas, etc.

Amigos da familia Andrada resolveram ir até Santos, visital-a; pois, sabem vocês, os Andradas eram santistas.

Por esse tempo sua esposa que se conservava no Rio, abrindo a correspondencia do principe, encontrou decretos annullando os actos do governo brasileiro, ordenando a volta de D. Pedro a Portugal, e tornando o Brasil colonia. Depois de os ler, ella e José Bonifacio escreveram cartas ao principe e enviaram pessoa de confiança ao seu encontro.

A pessoa mandada pela princeza Leopoldina chegou a S. Paulo e ahi soube que o principe estava em Santos. Por esse motivo seguiu a toda a pressa ao encontro de D. Pedro. O principe já havia sahido de Santos e vinha vagorosamente de regresso a S. Paulo.

A guarânia avançada descansava perto de um riacho chamado Ypiranga, esperando o príncipe que não devia tardar.

Informado o correio de que D. Pedro vinha logo atraz, continuou o caminho e chegando junto ao príncipe entregou-lhe as cartas. O príncipe ficou apprehensivo ao receber a correspondencia, e os cavalheiros do seu sequito demonstravam hem claramente a curiosidade de que se achavam possuidos.

O príncipe, ao lér um dos decretos, ficou com a physionomia alterada e raivosamente amarrouto os papeis que tinha nas mãos e voltando-se para os companheiros: "Portugal quer mesmo escravisar o Brasil; sejamos livres de hoje em diante". E desembainhando a espada, num gesto fulgurante, gritou:

"Independencia ou Morte!"

Immediatamente todos os officiaes imitaram o príncipe e o grito rebôa, vibrante, pelo espaço.

O cortejo partiu a toda brida e logo em seguida chega até a guarda sem que os soldados tivessem tempo de se por a postos, sobre os cavallos. E então D. Pedro disse:

"Camaradas, Portugal quer escravisar o Brasil; sejamos livres de hoje em diante." E tornou a gritar: "Independencia ou Morte!" no que foi seguido pelos que o cercavam. Em seguida ordenou: "Laços lóra!" (Os laços com as cores da bandeira portugueza que prendiam o Brasil a Portugal). Todos obedeceram, e elle proprio arrancou o topete que tinha no chapéu, dizendo: "De hoje em diante usaremos as cores verde e amarella."

Isso se deu ás 412 horas da tarde do dia 7 de Setembro de 1822.

Na torre da Igreja da Gloria, em São Paulo, junto ao sino, ficava o vigia que devia dar signal quando algum personagem importante se avisinhasse da cidade, de maneira que o povo, assim avisado, tivesse tempo de se ataviar para receber quem chegava. Era o papel do vigia se-

melhante ao dos nossos telegraphos, que avisam se está ou não no horario o trem que deve conduzir algum personagem de destaque.

De Ypiranga a São Paulo ha, mais ou menos, 7 kilometros, e o vigia deu o signal quando avistou o agrupamento de officiaes e soldados naquelle logar, de maneira que, vindo a passo os viajantes, o povo tinha tempo para preparar a recepção.

Succede, porém, que D. Pedro vem a toda brida pela estrada, chegando a S. Paulo quando ainda o povo se preparava para recebê-lo. Subiu o sequito a rua do Lavapés, e, sempre a toda brida, passou pela rua da Gloria até o palacio do governo, gritando: "Independencia ou Morte!" "Viva D. Pedro!" "Viva o Brasil livre!"

O povo, inteirado do facto, tambem tomou parte naquella manifestação e a alegria tornou-se geral.

Então houve enthusiasmo delirante: repicaram os sinos, deram-se vivas, houve musica, etc. etc.

D. Pedro, chegado ao palacio do governo, mandou chamar um ourives e encarregou-o de fazer um distico, com as palavras: "Independencia ou Morte!" Depois compoz a musica e escreveu os versos do hymno da Independencia, que vocês sempre cantam. Ensaíaram-no como melhor puderam, e, á noite, no theatro, onde se dava espectáculo em honra do príncipe, o hymno foi tocado e cantado.

D. Pedro tambem o cantou, acompanhado pelos senhores da elite.

O Príncipe trazia no braço o distico que mandára fazer.

Logo após cantarem o hymno, proromperam applausos e vivas de enthusiasmo.

No theatro havia um bloco de senhores brasileiros occupando o camarote numero 11, onde sempre se reuniam durante os espectaculos para conferenciarem sobre a Independencia. Entre os senhores presentes estava o padre Ildefonso

so Xavier Ferreira, que fazia parte desse grupo, e que não se satisfazia, como ardente partidário da Independência que era, com aquella manifestação do povo a D. Pedro.

Subiu em uma cadeira fronsente a tribuna de honra e no meio do silencio geral que a curiosidade mantinha, ouviu-se a sua voz dizer: "Viva o primeiro rei do Brasil", emquanto com o braço estendido designava D. Pedro.

O padre Xavier puzera em execução o que pensara: pois que si o Brasil era livre, havia de ser um rei o seu governador, e si esse rei havia de ser o príncipe, era melhor fazê-lo já. Assim pensou e assim o fez o grande curitybano que foi o padre Belalonso.

Acabada a festa, entre vivas e palmas, retirou-se D. Pedro. No dia seguinte assignou diversos decretos, organizando o exercito brasileiro.

Quando chegou ao Rio, foi aclamado imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, e pouco depois coroado com o titulo de D. Pedro I.

Não pensem, vocês, que estava tudo terminado. Não; havia provincias teimosas, isto é, dirigidas por portuguezes que, absolutamente, não queriam a independência do Brasil.

Mas D. Pedro I conseguiu apasiguá-las, tornando-se o Brasil um reino livre, sacudindo finalmente de sobre si o peso do dominio de outra nação, quebrando os grilhões que o uniam a Portugal, não mais dando, assim, conta de seus actos a patz algum, fosse elle quem fosse, e não se submettendo jamais á ordem qualquer vinda de Portugal.

Na proxima aula vão vocês conhecer os factos que se succederam á abdicção de D. Pedro I, e os motivos que o levaram a essa abdicção.

Alfonso Mattana Villa

(Professoranda)

Curitiba, 14 de Outubro de 1924.



A Superstição do Caboclo

Recondito sertão do Paraná.

Anoitece.

O verde escuro da floresta tingi-se de negro e vagarosamente desaparece. Nem uma estrela a laiscar no céu. Leve viração sacode as franças do arvoreda e ha um mysterioso ciciar no fundo do vallado.

Pelos "nervos do matto", lugubre, navalhante, passa o grito da ave nocturna, vagabunda. E reluzindo na escuridão, phosphorea luz de olho de gato, centenas de pyrilampos, alvorçados, phantasmagóricos, voltam na perspectiva de um bailado luminoso.

Do taquaral proximo, batido de vento, vem um coro de assobios sarcásticos, assobios de vaia, como si partissem de galerias theatraes em penumbra.

E' o pandemonio da noite.

. . .

Pela vez primeira em sua vida, o forasteiro sentiu a amargar-lhe profunda angustia mesclada de medo.

Sosinho, perdido em meio daquellas brenhas, sem de todo estar consubstanciado com a vida sertaneja, longe de ser latalista, arrostando mil perigos, não subia quando e nem aonde encontraria abrigo para repousar o resto da noite que começava a esfriar.

À luz de um phosphoro, que timidamente accendera, consultou o relógio de prata, preso á cinta larga de camurça. Oito horas.

Tirou de dentro da capa de couro, pendente dos arreios, à esquerda, ao alcance da mão, um revólver "Colt", examinou-o e poz-se novamente a caminhar à mercê do rosilho, (1) que, andar balanceado, — signal evidente de cansaço — penetrava, cada vez, mais a fundo no amago da mattaria.

Assim, monologando às vezes, consigo mesmo, phrases desarticuladas, pelo instincto de communicabilidade que tem o homem, outras vezes, deshumanitariamente, dando formidavel repellido às redeas da cavalgadura, simulando zangar-se com o animal, para melhor encobrir o medo de que estava possuido, como si algum lh'o estivesse a espreitar, occulto nas trevas, lá ia o desconhecido, noite em fóra, levado pela incerteza.

Subito, apoz devorar immenso trecho do carreiro, ouviu, muito ao longe, a maneira de alegre trinado, o cantar de um gallo. Uma casa, pensou! O cantar do gallo foi sempre bom agouro. Elle annunciou o nascimento de Jesus em Bethlem.

E mais animado accendeu o cigarro de palha, que ha muito trazia esquecido ao canto da bocca, deu uma palmada na anca do animal e de todo arrefecido o receio das desgraças imprevistas, gritou: "Anda rosilho!"

Mais algum tempo de marcha, agora apressada, pois que o rosilho não mais obedecia às redeas — percebendo instinctiva e admirevemente a morada em que devia chegar — o forasteiro divisou atravez de grossos troncos uma cabana de paus a pique. (2)

Do rendilhado de varas e cipó das paredes — o que de mais primitivo pode existir — coava-se a luz morticia do brazido, no chão terra batida. (3)

Um cão esganiçado e magro, presentindo o approximar da cavalgadura, levantou-se do borralho onde estava e investiu furiosamente contra o viajante.

(1) Cavallo rujo pelo têm a cor rosada.

(2) Paus roliços, de pequeno diametro, fiteados no chão.

(3) Terra cozida, endurecida.

— Quietto, Urso! — rosou do interior voz grossa e compassada.

Na porta, trazendo á mão uma candeia, (4) exhalando nauseante e exquisito cheiro de droga, appareceu, somnolento, um homem de baixa estatura, cabellos crescidos, barba por fazer, trajando calças de riscado grosso, arregaçadas, pés descalços e uma camisa suja, com grandes rementos

— Vancê apeje e vá chegano, (5) — disse muito naturalmente, pigarreando, enquanto depunha a candeia sobre o rugoso do pau forquilha que parecia suster uma das traves enlumaçadas da coberta de sapé.

— Mas e o cachorro?

— Que não lhe dé de arreceiá, moço! — retrucou o sertanejo olhando para o interior da choça. — O ciposinho a mó que é fraquinha, mais (6) segura ainda o bichinho ali ao pé do fogo. Vancê vá chegano que logo vai agarrá de fica fria. (7)

— E tem o senhor ahi o que se coma? — perguntou o recém-chegado, ainda montado.

— Ha-de se arrojá — atalhou o caboclo lá de dentro, acocorado, espalhando uns gravetos sobre o brazido. — Vancê tire os arriame que daqui a um nadinha eu vou levá o seu cavallo ali da otra banda do passo, (8) no piquete (9) do cumpadre Bellarmino...

— Então por aqui tambem ha pasto para o meu animal? — indagou o viajante, entrando, vergado ao peso dos arreios que sobraçava.

(4) O sertanejo usa, em algumas localidades, uma especie de pavio de vela que, dentro de qualquer vasilhame, coetendo banha de porco domestico ou selvagem, á leveza se inflammavel.

(5) Nos sertanões o sertanejo não pronuncia do e sim no.

(6) Ao envez da conjunção mas, que nunca é pronunciada.

(7) E' expressão muito commum para significar que o tempo vai estivar.

(8) Arroio que atravessa estradas ou carreiros.

(9) Lugar cortado onde ha pasto para animais e algumas vezes um veio d'água.

—E aguada que é uma boniteza. . . — disse o caboco encarando o seu hospede. — Mais porém, (10) Vancê a mó que nunca varô este sertão! Isto hai pasto ahi que é barbardade! Pois o meu tordio, que é alimar (11) aguachado (12) e muito viajero, intê tá gordo que mette medo. . .

O forasteiro fez ar de riso e olhou para os cantos do rancharinho, como que procurando alguma cousa. O sertanejo, que já previra o seu desejo, — esfregando as mãos nas calças, gesto que lhe é bem característico—tomou-lhe os arreios, com muita calma, e amontou-os em cima de uns couros, estaqueados, de veado.

Acto contínuo, puxando para junto de si uma gamella cheia de fumo picado, acocorou-se novamente, ordenando ao seu hospede que sentasse numa trepeça (13) po-eirenta e que mal se equilibrava no chão batido.

Co'a mão callosa e suja de terra tirou de baixo de um pellego, estendido no chão, grande facão recurvo e já com a lamina gasta e aparou com muita habilidade duas palhas seccas de milho, que previamente escolhera.

Enrolando entre os dedos nodosos um cigarro grosso, emquanto que co'a outra mão segurava um tição, arriscou embaraçado:

—Mais . . . ainda que mar pergunte, Vancê quem é? Intê tá me papitando que é um moço que eu vi lá na vilinha, (14) na venda do fio de Nhô Quinco, haverá de fazê uns dois dia! . . .

—Sim, na verdade, lembro-me agora que, nesse dia, o senhor esteve na venda do filho de Nhô Quinco. . . — respondeu o hospede, sem pestanejar e só para ser agradável, pois que não tinha a menor recordação desse homem.—Eu,

(10) Outra expressão muito commum.

(11) Ao invés de animal.

(12) Cávallo que sua muito pouco. Isto acontece com todos os animaes apoz alguns annos de trabalho.

(13) Moraes quer que se diga trepeça, ao invés de tripeça. (Dic.)

(14) Qualquer lugar onde haja aglomeração de casas, tendo principalmente uma igreja.

disse, viajo em objecto de serviço. Trabalho em medições de terras. Chamo-me Figueiredo.

O sertanejo sacudiu a cabeça e murmurou um «si seor», (15) significando entendimento.

Mas. . . e a sua familia? — perguntou o forasteiro fazendo subit ao ar densa bafurada do seu cigarro—ou mora só?

—Eu sou dos Viera—redarguiu o hospedeiro com certo orgulho, empertigando-se.—Sou fio do velo Viera. Vancê é muito novinho ainda, não conheceu talvez o finado meu paê. . . Isto era matrero (16) sacudido—trabalhado, cantulô de viola e corredô de carrera, que era despreposito! E caboco respeitado! — disse diminuindo a voz.

O Figueiredo, percebendo que o sertanejo, — como é de costume — tinha encetado a panegyria genealogica e que neste assumpto — que é o seu predilecto—seria capaz de dis-correr durante algumas horas, atihou:

—A sua familia, com certeza, está no paiol (17). . . A colheita este anno deve ser grande, não?

—Nois temo alguns arquere de miarê e intê bem regularzinho, mais é longinho daqui. . . Vancê varô lá hoje,—um eito p'ra riba daquelle capoeirão cerrado, depois da subida grande. . .

—Ah! Já sel, já sel. . . — retrucou o Figueiredo que nada tinha entendido dessa linguagem.—E'. . . eu passei mesmo nesse logar. . . Por signal que o meu milho está bem bonito. . .

—Não; Vancê varô mais não viu nada—disse o caboco sem se perturbar.—O que Vancê topô foi o miarê da preta Joanna. . . O meu roçado, que intê já tá vendido, fica da banda da canhada, (18) entrano por um esquisito. (19)

(15) Sim, senhor.

(16) Matrero. (Dic.)

(17) O sertanejo, durante o plantio e a colheita das roças, standona a sua morada e passa a residir temporariamente em meio do roçado, n'um rancharinho.

(18) Logar baixo e apertado.

(19) Uma entrada, especie de porteira, sempre aberta, por onde sómente uma pessoa pôde passar.

O viajante, meio atrapalhado ante a franqueza do hospedeiro, e, desta vez, entendendo menos, respondeu:

—É a primeira viagem que faço, seo Vieira, talvez seja mesmo o milhara da preta Joanna...

—Tarvez!... não, nhô moço! Estou lhe dizendo que é o milhara da preta Joanna! — redarguiu o sertanejo com insistencia, como quem não admitta replicas. — O Viera e caboco conhecido e vaqueano neste sertão! O mattão que Vancê viu ahí é pequeno p'ra elle!...

Emquanto balava destampou uma chaleira que ha muito fervia sobre o brazileiro. A agua era turva, (20) cõr de barro e adocicada: deveria servir para o café do hospede. Ao lado, collocara, para esquentar, uma panella com restos de passoca.

Logo, porém, reconheceu o ridiculo em que cahira, começando a elogiar-se a si proprio. Suspeitou o fio da conversação e, apoz uma pausa ligeira, reentcou-a:

—Tenho, nhô Figueiredo, lá no roçado, já arguns par de dia, quebrano o mio, oito famiinha. (21) E elle tá vendido e bem vendidinho...

—Sei! — disse o Figueiredo — o senhor quer dizer que ganhou bastante dinheiro, não é verdade? Está muito bem. Estimo de veras...

—Mais podia ganhá mais! — retrucou o roceiro riscando o chão com um pedacinho de pau. — Podia ganhá mais...

—Como assim? — inquiriu o forasteiro. — Porventura estarei enganado?

—Vancê tá bem certo! E eu tamem não me abre-ganho (22) por quaque! Mais...

(20) No sertão, ao envez do assucar, usa-se a rapadura ou então o melado. A agua é temperada, antes da fervura, com qualquer desses ingredientes.

(21) Para o sertanejo, cada filho é uma familia.

(22) Não me troco.

—O que? — redarguiu o hospede. — Quem sabe até si eu posso fazer algo pelo senhor! Sendo de commercio...

O sertanejo, pela primeira vez, teve um sorriso de descrença a bailar-lhe no canto da bocca, que, ao de leve, encobriu a sua habitual e atavica tristeza. Meneou a cabeça, sempre riscando o chão, e falou:

—Quar, nhô moço, Vancê...

E levantou-se vagarosamente.

—Amanhã, -- vá escutano -- amanhã, na raia (23) do Rio Vermeio, (24) o baio de Nhô Norberto, que é pareiro (25) ligero, vai corrê c'õ pampo do Carumbé... e era p'ra ganhá! Pois isto--minha mãe de Deus! -- nem é carrera! Mais agora... Ah! que si eu aduvinho! -- e carregou o sobrecenho. -- Meu miarã não tava vendido... Quesp'erança não tava...

—O senhor vendeu a colheita para jogar esse dinheiro? — atalhou o Figueiredo estupefacto. — Olhe que jogo sempre traz maus resultados! Pense bem!

O roceiro, sempre que lavava, parecia fitar alguma cousa desaperecebida pelo viajante.

—Poire de Nhô Norbeto! -- murmurou desoladamente. -- E o pareiro baio -- coitado! -- tão bem tratadinho... É causo perdido... Mais afinar, as coisa são ansim memo... Um dia é da caça e o otro dia ha-de sê do caçadô. Tem que sê, sinão nois tá tudo ruim...

Vancê vá oiano, amanhã, lhe agaranto! -- e atirou um gesto brusco -- não jogo nem um nadinha de dinheiro, mais isto e que nada!...

É o melhor que pôde fazer, -- disse o Figueiredo cheio de triumpho. Ouça o meu conselho. Em se tratando de jogo, nem um vintem!

Não! tá decidido! O fio do veio Viera, amanhã, não é da parada (26)... Podia infia uns cobrinho no pampo.

(23) Dois trilhos parallelos e rectos por onde vem cavallos.

(24) Vermelho.

(25) Parrelho -- cavallo de corridas. (Termo do R. C. do Sul).

(26) Dinheiro das apostas, engobado.

mais . . . quando ganhamo no baio, ganhamo. Nô etro entonce é que não, porque nois c'ô compadre Norberto como companheiro desde piá! Vancê talvez nem lava neste mundo e nois já atava (27) correrão grande. . .

— E ganhava? — perguntou o Figueiredo.

— Toda vida! E fandango roncava noite intera, até manhecê!

O Figueiredo, para se certificar do motivo por que o roceiro dizia não apostar no dia seguinte, julgando que, de lacto, o havia insinuado com bons conselhos, indagou:

— Ha algum obstaculo, afinal, que lh'ô impeça de jogar amanhã?

— Bestaculo!! — retrucou o sertanejo esbugalhando os olhos.

— Pergunto vos se não ha algum atrapalho. . . — disse o forasteiro um tanto enfiado. — Por exemplo, um mau palpito. . .

— Chiiii . . . Pois Vancê, tá se veno memo que é cudadão que não se aquerencô (28) ainda c'ô nois aqui do matão. . . — concluiu o caboclo. — Neste sertão, nhô moço, hai muito mandráco (29). . . Mais o Viera é home vasquero (30) e destrocio, (31) e c'ô ajuda de Deus Nosso Pae que tá no céu se alivró desta vereda de perdê o seu dinherinho. . . Crendospadre! (32).

— O que? — indagou o hospede possuido de vaga desconfiança. — Confesso-lhe que não o comprehendí. . .

O sertanejo aproximou-se do forasteiro e disse-lhe em tom baixo e cavo, como que receando ouvidos indiscretos:

— Vancê oie! — e apontou para o alto do ranquinho.

— Mas signar, tá veno? Gente marvada altera atrapaí Nhô Norberto e fazê porquera (33) nas carrera. . . Vancê tá veno?

(27) Fazer as apostas e combinar o dia das corridas, jogar, etc.

(28) Que não se adaptou ao meio. **Querencia** é, no geral, o lugar onde ordinariamente o animal pasta. Termo do Rio Grande do Sul.)

(29) Feitiço, bruxaria.

(30) Raro.

(31) Brisco e astuto.

(32) Creio em Deus, Pae.

(33) Fazer perder, provocar desordens.

O viajante, cada vez mais intrigado, procurou com o olhar duvidoso a cousa indicada pelo roceiro.

Entre a coberta de sapê denegrida e a viga carunchosa que assentava sobre o oulho da choca, com asas cartilaginosas e espinhadas, feio, ao rubor do lume, estava um morecego que, tonto pela fumaça,ahi entrára juntamente com o viajante.

— E' pol-o lóra, seo Vieira. . . — disse o Figueiredo voltando-se.

— Não carece. . . — murmurou o sertanejo com certa indifferença.

— E porque? — perguntou o forasteiro.

— Os home quando tem sorte não se abocanha c'ô ella?

— Sim, é verdade, e pensam mesmo que sua felicidade está completa. . .

— Arguem, entonce, pincha lóra a sorte?

— Penso que não!

— P'ró via disso, não devemos tamen pinchá o azá.

A sorte, as vez, vem ligero pareceu q'á trometa, mais ella passa, nhô moço! e vai-se imboira e vorta e vai otra vez! . . . Vancê deixe o azá, elle que se arretire quando quizê. . .

L. S.

Em 25 — 10 — 1924.

Nota.— Ao esboçar este conto, fôo com o intuito de narrar um caso realístico e por mim testemunhado, quando em viagem no sertão. Nelle não ha nada de esaggero.

Escusado é dizer que o sertanejo, ignorante, se geral analfabeto, vê em tudo a « manifestação de potencias ocultas » e não estado d'alma, essencialmente mystico, origin a superstição. Depois, quem de nós não é supersticioso?

« Pinto da Rocha, fazendo a psychologia das superstições, assim se exprime: « Existem superstições em todas as camadas sociais, em todas as condições, em todas as profissões, onde quer que se exerça a actividade do espirito humano. Pôde-se definir o homem um animal supersticioso. »

Gustavo Le Bon diz: « A fé, sentimento que nasce do mysticismo, não se deixa influenciar pela experiencia nem pelo raciocínio; a fé, criada pela suggestão, só se abala por outra suggestão mais forte. As superstias psychicas do mysticisimo, da affectividade e do raciocinio são independentes, de modo que uma intelligencia vivaz, elevada, pôde coexistir com a credulidade tola, que toca pela sandice. »

Perdoemos, pois, as superstições e crendos do caboclo a quem não fôo supersticioso que atire a primeira pedra!

FABULAS DE LA FONTAINE

O Leão e o Rato

Sahiu da toca aturrido
Daminho pequeno rato,
E foi cahir insensato
Entre as garras dum leão.
Eis o monarcha das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter delie piedade,
Ou por não ter fome então.
Mas essa beneficencia
Foi bem paga, e quem diria
Que o rei das feras teria
D'um vil rato precisão!
Pois que uma vez indo entrando
Por uma selva frondosa,
Cahiu em rede enganosa
Sem conhecer a traição.
Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe;
Mas vem o rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prisão.
Rompe com seus finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais também rórias são.
O seu bemfeitor liberta,
Uma divida pagando,

E assim á gente ensinando
De ser grato a obrigação,
Tambem mostrou aos insoffridos,
Que o trabalho com paciencia
Faz mais que a força, a imprudencia
Dos que em furia sempre estão.

O Lobo e a Raposa



Raposa esfomeada
(Pois que para roer nem tinha um osso!)
Viú no fundo dum poço
A lua retratada.
A orbicular figura um queijo crê,
E pula de contente!
Água dois baldes alternadamente
Desse poço tiraram. No que se ve
Suspensio pelo peso do segundo
Do poço desce ao fundo:
Mas —coitada! —
Viú que fôra lograda e bem lograda!
«Em maus lenções, dizia, eu vou achar-me!...
A menos de que alguém, como eu, com fome,
Por queijo a lua tome
E fazendo o que eu fiz, venha salvar-me.
Nisto, com sede, um lobo se aproxima,
E quer beber no poço. Ao vel-o em cima,
Diz-lhe a raposa muito amavelmente:
«Desça, desça, compadre!... vou presente
Fazer-lhe deste queijo — convencida
De que outro assim não se vê neste arrabalde!»
O lobo desce prompto, e na descida
Faz subir a raposa no outro balde.

Que motivo de riso isto não seja;
Dá-se o mesmo connosco exactamente.
Qualquer de nós cre sempre facilmente
Tudo o que teme e tudo o que deseja.

O Velho, o Rapaz e o Burro

O mundo ralha de tudo.
Tenha ou não tenha razão,
Quero contar uma historia
Em prova desta asserção.

Partia um velho camponio
Do seu monte ao povoado;
Levava um neto que tinha,
No seu burrinho montado.

Encontra uns homens que dizem :
«Olha aquelle que tal é!
Montado o rapaz, que é forte ;
E o velho tropego a pé!

Tapemos a bocca ao mundo,
O velho disse;—rapaz,
Desce do burro, que eu monto,
E vem caminhando atrás.»

Monta-se, mas dizer ouve:
«Que patetice tão rata!
O tamanhão de burrinho,
E o pobre pequeno á pata!

—Eu me apeio, diz, prudente,
O velho de boa fé;

Vá o burro sem carrêgo,
Vamos ambos a pé.»

Apearam-se, e outros lhe dizem:
«Tcleirões, calcando a lama!
De que lhes serve o burrinho ?
Dormem com elle na cama ?

—Rapaz, diz o bom do velho,
Se de irmos a pé murmuram,
Ambos no burro montemos.
A ver se ainda nos censuram.»

Montam, mas ouvem de um lado :
«Apeem-se, almas de breu,
Querem matar o burrinho ?
Aposto que não é seu.»

Vamos ao chão, diz o velho,
Já não sei que hei-de fazer !
O mundo está de tal sorte,
Que se não pode entender.

E' mau se monto no burro,
Se o rapaz monta mau é;
Se ambos montamos, é mau,
E é mau se vamos a pé!

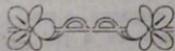
De tudo me tem ralhado;
Agora que mais me resta ?
Peguemos no burro ás costas,
Façamos inda mais esta!

Pegam no burro: o bom velho
Pelas mãos o ergue do chão,
Pega-lhe o rapaz nas pernas,
E assim caminhando vão.

«Olhem dois loucos varridos!
Ouvem com grande sussurro,—
Fazendo mundo às avessas,
Tornados burros do burro!»

O velho então pára, e exclama:
Do que observo me confundo!
Por mais que a gente se mate,
Nunca tapa a bocca ao mundo.

Rapaz, vamos como dantes,
Sirvam-nos estas lições;
É mais tolo quem dá
Ao mundo satisfações.»



COUSAS DIVERSAS

Festa da Primavera

Au torizada pelo Governo do Estado, a Inspectoria Geral do Ensino instituiu a Festa da Primavera, em todas as suas escolas publicas, a ser realisada em 21 de Setembro de cada anno, em regozijo á entrada da estação das flores.

Nesse sentido foram dirigidas circulares aos directores de todas as grupos do Estado, indicando-lhes os planos para a realisação desse tão significativo festival.

Houve nesse dia plantio de pequenos arbutos e sementes pelas crianças das escolas, palestras explicativas e canticos allusivos ao acto.

Nesta Capital a Festa da Primavera revestiu-se de grande brilhantismo.

Sua realisação teve lugar no dia 21 de Setembro, no Passeio Publico.

Eram duas e meia horas da tarde e já a cidade apparentava uma animação diversa: crianças desfilavam pelas ruas, todas de branco, cantando hymnos infantis; grupos de senhoras e senhoritas, rapazes e até aucões, todos rumavam pro-

cessos para o local da Festa, onde se agglomeravam já luxuosas carruagens particulares e officiaes.

Com a presença das altas autoridades estaduais teve inicio, ás tres horas da tarde, o festival, sendo cantados hymnos á Primavera e ás Arvores por mais de duas mil crianças das escolas publicas.

Após o discurso official, feito pelo director do grupo escolar «Dr. Xavier da Silva», e de uma poesia recitada por uma das alumnas, teve lugar a gymnastica salustionica apresentada por um conjunto de muitas crianças, sendo a sua parte cantante acompanhada pela Banda Municipal da Força Publica.

A segunda parte da festa consistiu de diversos jogos infantis, havendo disputa de premios entre os grupos que tomaram parte.

Entre os premios existentes figurava um offerecido por S. excia. o Dr. Presidente do Estado, outro pela Inspectoria Geral do Ensino, além de muitos outros offerecidos pelas casas commerciaes desta praça.

A animação foi enorme por occasião dos jogos infantis. De to-

des as lides surgiam apertes da enorme realidade que ali se achava numa entusiástica participação dos interessantes brinquedos da criança.

Dentre os jejos infantis que mais interesse encerravam, destacamos as Corridas das Laranjas e a corrida dos Autos Gravina, em cuja prova houve quatro paus.

A afilhada de peçonha foi enorme ao local da festa: todos os recantos daquelles logradouro publico regurgitavam de assistentes, numa confusão interessante.

A men made, alegre, delicata de prazer, estrepado e saltando p-er entre ramagens e fitas, num gurguio sublimis, deixando transparecer naquelle explendor de agitação o verdadeiro encanto da vida — a liberdade de movimentos.

Entre risos e canticos prolongou-se a festa até às cinco horas da tarde, terminando ali sem o menor incidente desagradavel.

Desta forma ficou instituída a **Festa da Primavera** em nossas escolas, deixando este seu inicio no espirito de todos aquelles que tiveram a ventura de participar dos folguedos da infancia, uma recordação saudosa daquella manifestação á Natureza, representada pela vida em sua exuberancia natural.

Instrução Publica Paulista

O governo de São Paulo, no firme proposito de dar ao seu apparatus escolar a antiga feição que tanto o distinguia, e que era patrimonio

edificado pelas suas mais distinctas pedagogias, acaba de nomear para o alto cargo de Director Geral o distinto e velho professor Pedro Viss, ex-director das escolas "Presidente Moraes" e "Parvula Brasileira" e interinamente transferido para a escola normal da capital.

O nomeado é uma das figuras de maior destaque no magisterio paulista. Tem um passado de mais de 30 annos, cheio de serviços á causa de ensino. A qual se consagrou de corpo e alma, sempre animado de enthusiasmo, com visitas largas e animas serenas, enfrentando com gallardia todas as difficuldades, para se ver victorioso no termino dos seus ideaes.

Elle é na verdade um perfeito educador, de principios e de accão, aliando ao seu saber a pratica de seus servicos.

Muito pouco, nos bellos tempos de Bernardino de Campos, o maior amigo do ensino publico paulista, teve como compañeros de jornada: Gabriel Prostka, Castano de Campos, João Lourenço Rodrigues, Arnaldo e Benê Barreto, Oscar Thompson, Marinho de Oliveira, Francisco Vianna, Moysés Horta de Macedo, Joaquim e Luis de Brito, João Gomes Jor., Paizgarr Barreto, Ramon Roa Dorval, Aristides José de Castro, e tantos outros, além de Miss Maria P. Browne, educadora americana, que o inspirou e lhe deu o conceito de Cesarin Malin mandou buscar nos Estados Unidos para orientar a pratica pedagogica.

Distinguia-se como o professor completo, na lendaria "Prudente de Moraes", de onde mais tarde sahiram excellentes professores. Na

sucessão de Miss Browne que inaugurara o novo e modelar estabelecimento, e governou confiante a direcção da casa e houve-se de seu encargo com tamanha gallardia, que o estabelecimento tomou fama e nome, como talvez nenhum outro.

Prudente de Moraes, o patrono, de regresso do seu periodo governamental, agitado mas de beneficios insubstituiveis, visitou-o quando de passagem para Piracicaba, em viagem de regresso ao seu lar natal. E da visita que fez a das homenagens tocantes que recebeu, o velho republicano fez, por diversas vezes, referencias honrosas.

No governo Campos Salles, a "Prudente de Moraes" recebeu a visita honrosa da officialidade chilena, que se manifestou encantada de tudo quanto havia assistido, tal era a completa organização que Pedro Viss dera áquelle Athenas paulista.

Os presidentes: Peixoto Gomide, Fernando Prestes, Campos Salles, Rodrigues Alves, sem falar em Bernardino de Campos, tinham por essa escola verdadeiras predilecções e pelo seu director uma particular estima.

Removido para Itapetininga, Pedro Viss continuou a sua obra de edificação.

Num momento como o actual, em que se faltam ideias, mas houve-se para excellentes, o governo Carlos de Campos foi procurar o velho mestre para entregar-lhe a direcção geral do ensino.

Esse acto acertadissimo causou contentamento a toda a classe dos professores paulistas.

Sendando o novo Director da Instrução Paulista, "O Ensino" faz votos pelo completo exito da sua missão.

Dr. José Lobo

O novo governo de S. Paulo convidou para a pasta do Interior o Dr. José Lobo, jurista e parlamentar, illustre camponês que tantos servicos tem prestado ao pais.

O governo de S. Paulo timbrará sempre em levar para casa pasta, principalmente, homens de real capacidade. A escolha do Dr. José Lobo veio, pois, satisfazer a expectativa geral, mormente na actual situação do ensino que passa por uma real phase de remodelação.

Dedicando-se aos multiplos affazeres da sua pasta, o Dr. José Lobo não se descurda das menores causas atinentes ao ensino publico primario, secundario e superior, satisfazendo com sua competencia a todas as necessidades, e resolvendo as questões mais delicadas com verdadeiro talento administrativo.

Prof. Arnaldo Barreto

O Prof. Arnaldo Barreto, soberanamente conhecido em todo o Brasil pelo seu talento e pelo seu brilhante papel em assumptos de ensino, foi convidado pelo Governo de S. Paulo para dirigir a Escola Normal da Capital.

A sua escola — para o desempenho de tão alta missão, constituiu um acto acertado e ao mesmo tempo uma justa homenagem á sua pessoa.

Dentre os velhos professores de S. Paulo, Arnaldo Barreto se destaca pela beleza da sua inteligência privilegiada e pelo amor que o stigma consagrar as coisas do ensino.

A Inspectoria Geral do Ensino recebeu da Repartição de Estatística da Bahia e da Inspectoria Geral do Ensino do Rio de Janeiro pedidos de informações sobre o ensino primário, regulamentos, publicações e tudo quanto interessa às referidas repartições.

De diferentes pontos do país continuam a receber pedidos do «O Ensino», com elegantes referências à nossa publicação.

«O Ensino» é distribuído ao Presidente, Secretario do Interior e Director da Instrução e Escolas Normas de todos os Estados, inclusive paizes do continente americano.

Cuidando com o maximo interesse da adopção do melhor material escolar em seus estabelecimentos, a Inspectoria Geral, com autorização do governo, encomendou um novo typo de cartilhas para os novos edificios dos grupos escolares. Trata-se de cartilhas duplas, de pé de ferro, com lanternas separadas, podendo ambas as partes ajustar-se com facilidade ao tamanho do alumno.

A parte de madeira é de imbuia envernizada. A carteira é comoda, hygienica, forte e elegante, impressionando muito bem.

Os grupos de Ribeirão Claro, Cambaí, Santo Antonio da Platina, Thomazina e São Mathews serão fornecidos deste material.

No proximo numero do «O Ensino» publicamos ditada dessa novo mobiliario escolar.

Escola Normal de Ponta Grossa

O Sr. Inspector Geral do Ensino visitou, demoradamente, a Escola Normal de Ponta Grossa, recebendo excellente impressão.

Tere oportunidade de falar ás alunas do 1º e 2º anno, sobre assumptos pedagogicos, e ás professoras do grupo modelo sobre interesses da escola primaria.

o o o

Escola Normal de Pa aquá

Vao muito adiantadas as obras do edificio da Escola Normal de Paranaquá. O Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado acompanha com o maximo interesse o proseguimento dessas obras e espera ver concluido o lindo e amplo edificio perto do anno de 1925, época em que será inaugurado solenemente.

Uma escola digna de nota

Funciona, vae para dois annos, na Colonia Santa Gabriela, divisa do municipio da Capital e Tamandaré, uma escola regida pela normalista Euloxia Siqueira, que merece ser registrada na secção desta revista.

É digno de applausos o asseio da sala de aula, a conservação do mobiliario e material escolar por parte do alumno, todos creanças rusticos, filhos de colonos.

O mobiliario que foi esmaltado nas officinas da Penitenciaría conserva-se novo, tal qual sahio das mãos dos marceneiros, sem o menor traço de uso. Apartar de quasi todos os alumnos mereceram a tinta, não existe um só signal, tanto nas carteiras como no assualho.

O mesmo se dá com a mesa da professora, armario, mapas muraes, cartaz de Parker, de Linguagem e de Historia.

Todos os livros usados pelas creanças, quer de sua propriedade, quer pertencentes ao Estado, são enfiados e conservam as limpas. As cartilhas já serviram a diretos alumnos e ainda se podem prestar para novas turmas.

Quanto á ordem e ensino a escola tambem é digna de nota. Seus alumnos sabem raciocinar e respondem ás perguntas com o devido criterio.

o o o

Uma revista infantil

E' pensamento da Inspectoria Geral do Ensino publicar uma revista dedicada ás creanças das nossas escolas. Nella serão estampados os melhores trabalhos mensaes dos grupos e escolas isoladas, c. m phot. graphias, de predica, festas, passeios e scenas do mundo escolar. Além disso dará publicidade a contos, poesias, conselhos, sobre assumptos de educação que a creança possa ler e compreender.

o o o

O Governo do Estado adquiriu mais dois predios para o funcionamento de escolas rurais: um

em São Nicolau, municipio da Capital e outro na Ferraz, municipio de Campo Largo. Ambas as propriedades tem grande terreno plantado e espaço para novas plantações.

7 de Setembro

A 7 de Setembro do corrente anno realizaram-se, em quasi todas as localidades do Estado, festas promovidas pelas escolas, em comemoração á gloriosa data de nossa emancipação politica.

Nesta Capital os Grupos Escolares e empareceram ás 9 1/2 horas da manhã á Praça Santos Andrade, afim de prestar as homenagens devidas á memoria do Padre Ildefonso Xavier Fereira, cuja herma ali se ergue desde 1922.

Foram entoados os hymnos da Independencia e Nacional por mais de 1500 crianças, havendo recitativos, discursos, etc.

Após esse acto dirigiram-se os grupos á Praça Municipal, onde depositaram flores na estatua do benemerito brasileiro, o Barão do Rio Branco.

Em seguida desfileram todos, em ordem de marcha, ao som das canções escolares, pela Rua 15 de Novembro até a Praça Ozorio, onde se dispersaram.

Os grupos «Conselheiro Zacharias» e «Presidente Pedrosa», tambem depositaram flores ao redor da herma do Dr. Zacharias Góes de Vasconcellos, primeiro Governador da Provincia do Paraná.

No interior do Estado as comemorações se revestiram tambem de grande brilhantismo.

Em Ponta Grossa os alumnos da Escola Normal, I intermediaria e Grupo Annex, fizeram uma passeata pelas principaes ruas da cidade, causando magnifica impressão ao publico, não só pelo avultado numero de crianças, como pela ordem observada e elegancia do uniforme.

o o

Barão de Macahubas

No dia 9 de Setembro commemorou-se em todas as escolas publicas do Brasil o primeiro centenario do nascimento do Dr. Abilio de Cesar Borges, Barão de Macahubas, uma das figuras de mais vulto do magisterio brasileiro.

Seu nome destaca-se de uma forma sublimè entre os de todos aquelles que se têm directamente batido pela instrução publica de nosso povo, como um verdadeiro realisador dos seus nobres ideaes.

Não foi o Dr. Abilio apenas um dictador de regras e theorias pedagogicas pelas columnas dos jornaes ou pelo avolumado de seus tratados, mas sim, um emprehendedor incansavel, um realisador prodigioso, que trouxe para o campo vasto da pratica todos os cabedaes scientificos que adquirira, para proporcionál-os directamente e de um modo concreto aos seus patricios.

Elle não só elaborou projectos, como fundou collegios e escreveu livros didacticos para o povo.

Seu nome será sempre lembrado, servindo semo actos de exemplo aquelles que qjerem de facto interessar-se pela causa do ensino primario em nosso País.

O Brasil commemorando agora, por intermedio de suas escolas, essa significativa data, lança á infancia de nossos dias uma semente na esperança de que um paisão de trabalho, fecundo ha de orientar o nosso futuro.

o o

Grupo Escolar de Castro

Sob a orientação do professor Sagismundo Netto, director do Grupo Escolar «Dr. Vicente Machado», da cidade de Castro, está sendo allí construido o jardim que la-deia o referido edificio.

O terreno, depois de convenientemente revolvido e preparado, foi repartido em canteiros, entremeados por passios, todos elles guarnecidos por fios de tijolos.

Depois de plantado, o jardim foi entregue á guarda dos alumnos, ficando cada classe encarregada da conservação de um certo numero de canteiros.

Na parte reservada para recreio foram plantadas arvores de sombra e de ornamentação, que muito irão embellezar aquelle estabelecimento de ensino.